



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - IREL

BRUNA GONÇALVES MEIRA

**DEMOCRACIA NA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA: O WILSONISMO E A
DOCTRINA BUSH**

BRASÍLIA

2022

BRUNA GONÇALVES MEIRA

DEMOCRACIA NA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA: O WILSONISMO E A
DOCTRINA BUSH

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade de Brasília como requisito para conclusão da disciplina de “Dissertação em Relações Internacionais” e como item opcional para obtenção do título de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Helena de Castro Santos.

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Nara e Everaldo. Obrigada pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem no meu potencial, até mesmo quando eu não acreditava. Obrigada por sempre irem além, e me ensinarem tanto. Vocês sempre me incentivaram e buscaram a melhor educação para mim. Obrigada por virem à capital do país pra isso, aqui encontrei minha casa. Com vocês aprendi que conhecimento é um dos nossos bens mais preciosos. Esse diploma também é de vocês, essa conquista é nossa!

Ao meu companheiro de vida, Isaac Dalbone. Amor, obrigada por ser meu porto seguro e minha casa. Sou incrivelmente sortuda de compartilhar tantos momentos felizes da minha graduação ao seu lado. Obrigada por comemorar comigo a cada capítulo entregue, por toda a ajuda, e por todas as horas que estive ao meu lado na produção desse trabalho. Obrigada por sempre acreditar em mim e me apoiar em cada passo do caminho, sem o seu apoio não teria chegado até aqui. Te amo.

Aos meus colegas de curso, “Relmigos”. Não poderia ter encontrado um grupo de pessoas melhor para dividir esses quatro anos. Obrigada por se fazerem presentes, seja em aulas presenciais ou durante uma pandemia, como colegas e como amigos. Vou lembrar com carinho de cada empolgação de início de semestre, e cada angústia do final. Com vocês tudo ficava melhor. Missão terminar o curso concluída com sucesso!

Agradeço ao Instituto de Relações Internacionais por ser minha casa durante esses quatro anos, e aos professores da UnB por todos os ensinamentos. Especialmente à professora Maria Helena, que orientou esse trabalho com muita dedicação e fez com que esse resultado fosse possível. Professora, obrigada por toda a confiança e carinho, levarei o que aprendi com a senhora durante minha jornada como internacionalista.

Lembro das incontáveis horas que estudei sonhando em ser aprovada na Universidade de Brasília, e do choro de felicidade quando entrei para Relações Internacionais. Agora, escrevendo esses agradecimentos me emociono ao relembrar minha jornada pela UnB, com muito carinho. Como dito por Paulo Coelho, é a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante. Com este trabalho, realizo o meu. Agora é hora de encontrar o próximo.

America has never been united by blood or birth or soil. We are bound by ideals that move us beyond our backgrounds, lift us above our interests, and teach us what it means to be citizens - President George W. Bush's Inaugural Address. January 20, 2001.

RESUMO

A presente monografia tem como foco analisar a importância da democracia na política externa dos Estados Unidos, especificamente os momentos em que a democracia foi um pilar central da política externa do país. Para tanto, selecionamos e analisamos os mandatos de Woodrow Wilson e George W. Bush, momentos emblemáticos na história norte-americana onde a democracia possui um papel crucial na estratégia de política externa. A partir da pesquisa exploratória e da revisão de literatura, os resultados obtidos apontaram que Wilson é pioneiro em estabelecer a promoção da democracia como um pilar da política externa dos Estados Unidos; e o governo Bush trilhará esse caminho no futuro. Foram encontradas diversas similaridades, entre as políticas externas dos dois presidentes; principalmente a posição vindicacionista adotada frente a ameaças internacionais, o uso da democracia e dos valores tradicionais como justificativas para o uso da força, a ambição de moldar o mundo à imagem norte-americana, a ação intervencionista, e a relação entre democracia e paz. Ainda que existam disparidades, como o multilateralismo de Wilson e o unilateralismo de Bush; chega-se à conclusão que ambos governos retomam valores da chamada Tradição Liberal Americana, e dão origem a importantes correntes de política externa. Em conclusão, o wilsonismo e a Doutrina Bush são pontos essenciais para entender a promoção da democracia na história dos Estados Unidos.

Palavras-chave: democracia; valores liberais americanos; política externa dos Estados Unidos; valores; ideias; Woodrow Wilson; George W. Bush.

ABSTRACT

The main focus of this paper is to analyze the importance of democracy in the United States foreign policy. Its main objective is to analyze the moments in which democracy was a key element in the country's foreign policy. For this purpose, it was selected the administrations of Woodrow Wilson and George W. Bush, both emblematic moments in American history where democracy had a central role in foreign policy strategy. Results obtained from the exploratory research and literature review pointed out that Wilson is a pioneer in establishing the promotion of democracy as a pillar of the United States foreign policy, and the Bush administration followed this path in the future. A number of similarities were found, such as the vindicationist position adopted when facing international threats, the use of democracy and traditional values as justifications for the use of force, the ambition to shape the world according to American image, interventionism, and the connection between democracy and peace. Even though there are some disparities, such as Wilson's multilateralism and Bush's unilateralism; the conclusion is that both governments embraced the values of the so-called Liberal American Tradition, and molded important foreign policy guidelines. In conclusion, Wilsonism and the Bush doctrine are essential landmarks to understand the promotion of democracy in the history of the United States.

Keywords: democracy; Liberal American Tradition; United States foreign policy; values; ideas; Woodrow Wilson; George W. Bush.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1	A DIMENSÃO IDEACIONAL	9
2.2	IDEIAS, VALORES E PRINCÍPIOS NA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA	10
2.3	DEMOCRACIA NA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA	14
2.4	WILSON E BUSH FILHO	16
3	WOODROW WILSON	19
3.1	WILSON E A PRIMEIRA GUERRA	20
3.2	OS 14 PONTOS E O WILSONISMO	22
3.2.1	A PROMOÇÃO DA DEMOCRACIA	25
3.3	LEGADO	27
4	GEORGE W. BUSH	30
4.1	11 DE SETEMBRO	31
4.2	A DOUTRINA BUSH	33
4.3	HERANÇA WILSONIANA	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A política externa americana é profundamente enraizada em sua história e cultura, e como bem colocado por Jonathan Clarke (1994), um dos maiores erros no estudo da política externa é reduzi-la a aspectos contemporâneos, sem levar em conta suas tradições e aspectos constantes. Portanto, para compreender a ação estadunidense e seu posicionamento como grande poder no cenário internacional, devemos olhar para as características domésticas que moldam a sociedade americana.

A presente monografia tem como foco principal abordar os valores tradicionais norte-americanos e a importância da democracia na política externa dos Estados Unidos. Estabeleceu-se como pergunta de pesquisa os seguintes questionamentos: em quais momentos a democracia foi um ponto chave na política externa dos Estados Unidos? Qual é o peso dos valores tradicionais da política externa estadunidense na busca pela democracia?

Para responder a pergunta de pesquisa, foram escolhidos os mandatos de Woodrow Wilson e George W. Bush, momentos emblemáticos na história norte-americana onde a democracia possui um papel crucial na estratégia de política externa. Assim, tem-se como objetivo analisar as raízes da tradição liberal americana; como esses valores tradicionais se apresentam no governo Wilson; e como os valores wilsonianos ressurgem no governo Bush juntamente com os valores tradicionais.

Discutir sobre a política externa dos Estados Unidos justifica-se pois, de acordo com Wittkopf, Jones e Kegley Jr. (2008), a política externa abrange os objetivos que a nação busca atingir no cenário internacional, e inclui os valores que dão origem a esses objetivos. Os autores defendem que o comportamento dos Estados Unidos no sistema internacional tem como ponto de partida a independência norte-americana, com um determinado padrão de interesses e valores. A política externa tem então, três objetivos principais: a garantia da paz e prosperidade, a manutenção da estabilidade e segurança, e a promoção e defesa da democracia¹. Neste trabalho, será analisado especialmente o último, ainda que os objetivos estejam interligados, como veremos nos próximos capítulos.

O presente estudo consiste em pesquisa básica de caráter exploratório. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória consiste em tornar o problema mais familiar, com aprimoramento de ideias, nesse caso pela pesquisa bibliográfica. A revisão de literatura, de acordo com Bento, A. (2012) é uma parte vital do processo de investigação e de sua contribuição para o desenvolvimento do conhecimento. Consiste em localizar, analisar,

¹ KEGLEY; WITTKOPF, 1996 *apud*. PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**

sintetizar e interpretar a investigação prévia relacionada com seu objeto de estudo, uma análise bibliográfica referente aos trabalhos já publicados sobre o tema. A revisão de literatura foi feita a partir de quatro passos: pela identificação de palavras-chave, revisão de fontes secundárias, e por fim, leitura crítica e resumo da literatura, com a avaliação e síntese do conteúdo.

Optou-se então pela realização de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Assim, a pesquisa bibliográfica utilizando principalmente as bases de dados do Google Acadêmico e do SciELO, identificou artigos, livros, manuais, teses e dissertações relacionadas à temática de política externa e democracia, especialmente nos mandatos presidenciais escolhidos. Também foram utilizadas fontes primárias, principalmente discursos dos presidentes Woodrow Wilson e George W. Bush, a fim de demonstrar como a democracia foi um ponto chave na política externa dos Estados Unidos nestes mandatos. As fontes primárias foram pesquisadas em bases de dados do governo norte-americano como *The U.S. National Archives and Records* e *The White House Archives: George W. Bush*.

Este estudo está dividido em três capítulos. No capítulo 1 é apresentado o referencial teórico que embasará a análise, focalizando principalmente o lugar das ideias, valores e princípios na política externa; e o papel da democracia na política externa dos Estados Unidos. No capítulo 2, o foco é dado ao governo de Woodrow Wilson, pioneiro no papel ativo para promover a democracia, moldando a chamada corrente wilsoniana. Considerando seu legado, no capítulo 3 é abordado o governo de George W. Bush; o 11 de setembro como um momento decisivo para a estratégia de política externa, e os pontos principais da Doutrina Bush. Por fim, na conclusão são feitas as considerações finais sobre este estudo, além das relações entre os presidentes aqui escolhidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o intuito de embasar as discussões nos capítulos seguintes, têm-se como objetivo aqui apresentar uma base teórica. Para compreender plenamente o papel da democracia na política externa dos Estados Unidos, é necessário apresentar inicialmente a dimensão ideacional da política externa. Em seguida, aprofundar particularmente a tradição liberal americana, e seus reflexos na política externa estadunidense, mirando especificamente nas administrações Wilson e Bush filho.

2.1 A DIMENSÃO IDEACIONAL

No campo de ideias na política externa, vale ressaltar a virada ideacional após os anos 1990: a partir da defesa da importância das ideias, constata-se que somente por meio da inclusão delas poderia se analisar adequadamente os processos decisórios. No caso deste trabalho, as ideias em questão se encaixam principalmente na categoria do institucionalismo histórico; advindas de padrões históricos; e discursivo, advindas de ideias e discursos². No artigo de Diego Santos (2009), entende-se que as ideias têm impacto sobre o conteúdo e rumo da política externa; regulam o comportamento político dos Estados, formando sua identidade e seus interesses; e são construções de práticas discursivas na formulação e execução da política externa, legitimando o poder e a soberania desse estado³.

O trabalho de Goldstein e Keohane (1993), referência no campo, explica como ideias e crenças influenciam a política externa. Em especial, no impacto de crenças compartilhadas por um grande número de indivíduos sobre a natureza do mundo, e como isso afeta a ação humana. Para os autores, as crenças compartilhadas podem ser categorizadas em três tipos: visões de mundo, crenças de princípios e crenças causais.

As visões de mundo estão inseridas no simbolismo de uma cultura e afetam profundamente modos de pensar e discursos; está entrelaçada com a identidade individual, e evoca emoções e lealdades; portanto, ideias têm seu maior impacto na ação humana quando tomam essa forma. Já as crenças de princípios moldam a ideia de certo e errado do indivíduo; mediam as visões do mundo, conclusões políticas particulares e traduzem doutrinas em orientações para a ação humana. Por fim, crenças causais são baseadas na relação de causa e

² PERISSINOTTO, R.; STUMM, M. G. **A virada ideacional: quando e como ideias importam.** Revista de Sociologia e Política, v. 25, n. 64, p. 121–148, dez. 2017.

³ JESUS, D. S. V. **Da redução da incerteza estratégica à perpetuação da exclusão: a relevância dos fatores ideacionais na análise de política externa.** Contexto Internacional, v. 31, n. 3, p. 503–534, dez. 2009.

efeito de autoridade, e fornecem um norte para indivíduos sobre como atingir seus objetivos⁴.

As ideias analisadas neste capítulo podem ser categorizadas principalmente como visões de mundo e crenças de princípios; visto que estão inseridas no simbolismo da cultura norte-americana, e se relacionam com a identidade do povo americano, afetando as emoções e lealdades. As visões de mundo tradicionais americanas, são traduzidas politicamente, no wilsonismo e na Doutrina Bush, impactando a ideia de certo e errado dos indivíduos. O impacto das ideias na política externa é essencial para esta análise, visto que: “Ideas help to order the world. By ordering the world, ideas may shape agendas, which can profoundly shape outcomes”⁵.

2.2 IDEIAS, VALORES E PRINCÍPIOS NA POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

De acordo com Wittkopf, Jones e Kegley Jr. (2008) a política externa abrange os objetivos que a nação busca atingir no exterior, inclui os valores que dão origem a esses objetivos, e os meios ou instrumentos utilizados para persegui-los. Utilizando o modelo analítico de James Rosenau (1966,1980) citado por Wittkopf, Jones e Kegley Jr., a política externa é afetada por cinco principais categorias: o ambiente externo, o ambiente social da nação, o cenário governamental, os papéis dos formuladores de políticas, e as características individuais das elites⁶. Este trabalho foca principalmente na dimensão societal da política externa, e nas características domésticas que moldam a ação estadunidense em relação ao resto do mundo.

O posicionamento dos Estados Unidos como grande poder no cenário internacional também repousa sobre um entendimento da sociedade americana. Por exemplo, a expansão territorial e o imperialismo americano no século XIX foram baseados na crença no Destino Manifesto da nação e na crença de serem um "povo escolhido", com o direito divino de expansão. Sendo assim, a política externa americana é profundamente enraizada em sua história e cultura⁷. A sociedade e seus líderes creem que a nação foi fundada a partir de um conjunto particular de valores que os fazem se perceber diferentes das outras nações nascidas do Velho Mundo. Desta forma, é fundamental aqui o conceito de cultura política, a qual

⁴ GOLDSTEIN, J. e KEOHANE, R. O. (eds.), **Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions, and Political Change**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993.

⁵ Ibidem, p. 12.

⁶ ROSENAU, JAMES N. (1966) **Pre-Theories and Theories of Foreign Policy** in Approaches to Comparative and International Politics, R. Barry Farrell, ed. Evanston, IL: Northwestern University Press, pp. 27–92. ; ROSENAU, JAMES N.. (1980) **The Scientific Study of Foreign Policy**. New York: Nichols. *apud* WITTKOPF, E. JONES, C. M.; KEGLEY, JR., C. W. **American Foreign Policy: pattern and process**. 7th ed. EUA: Thomson Wadsworth, 2008. R

⁷ Ibidem, p.20.

abrange valores políticos, ideias e ideais sobre a sociedade e a política, adotados pela crença do povo americano⁸.

Entre esses constituintes da cultura política norte-americana, se destaca o liberalismo, embutido na Declaração de Independência. Este reconhece o propósito sagrado do governo de assegurar os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à “*pursuit of happiness*”. Outro importante constituinte da cultura política americana é o excepcionalismo da experiência de *nation-building* americana, nascido da ausência de classe dominante e conflitos religiosos na época da fundação da nação, e complementado pelo isolamento geográfico da turbulência europeia⁹. Tal excepcionalismo cultural leva à busca da remodelação do mundo à imagem da América, baseado na auto percepção norte-americana de excelência como nação.

Além destes pontos, pode-se dizer que a política externa dos Estados Unidos pode ser definida a partir de quatro objetivos principais, orientadores do interesse nacional: poder, paz, prosperidade e princípios. Poder é o objetivo mais básico da política externa, incluindo a autodefesa, a preservação da independência nacional e do território, essencial para deter agressões e influenciar outros estados. Retomando o realismo de Morgenthau (1948), as relações internacionais são uma luta pelo poder¹⁰. De certo modo, todos os objetivos são sobre a paz, ou seja, é isso que o poder deve salvaguardar e para o qual a prosperidade deve contribuir, e os princípios devem sustentar¹¹. A prosperidade define-se principalmente em termos econômicos, atrelada ao sistema capitalista. Os princípios envolvem os valores, ideais e crenças que os Estados Unidos defendem e desejam espalhar pelo mundo.

Neste trabalho se prioriza o objetivo dos Princípios, e se focaliza os momentos em que se manifestam mais fortemente ao longo da história norte-americana, no caso, a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial para “tornar o mundo seguro para a democracia” no governo de Woodrow Wilson; e o lançamento da Guerra ao Terror na administração George W. Bush. A recapitulação histórica e a escolha dos dois mandatos se justifica pela premissa de que o passado é um guia que nos permite compreender o presente e projetar o futuro, nos fazendo repensar sobre os significados e motivações das relações internacionais dos Estados Unidos¹².

⁸ Ibidem,p.243

⁹ Ibidem,p. 244

¹⁰ MORGENTHAU, Hans J. **Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace**. New York: Knopf,1948. p. 5

¹¹ JENTLESON, B. W. **American Foreign Policy: the dynamics of choice in the 21st century**. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

¹²PECEQUILLO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** UFRGS. Porto Alegre, 2003.

Conforme Slaughter (2007), América é um país, um povo, e uma ideia. Valores como liberdade, democracia, justiça, e igualdade foram reforçados em diversos discursos: não são meros conceitos abstratos, e tomam forma durante a história americana. Uma nação fundada em um conjunto de valores considerados universais, e unida pelo comprometimento com os mesmos. Essa “Ideia Americana” tem sua origem na fundação da nação, como uma visão e promessa dos *founding fathers* de uma nação única, como escrito na Declaração de Independência e na Constituição. E a partir dessa promessa de um governo do povo, com liberdade, igualdade e justiça foi fundado os Estados Unidos. A história estadunidense é um processo de tentativa de alcançar os ideais que defendem, com sucessos e fracassos. Nesse caminho, a promessa da fundação da nação americana é manter a fé nesses valores e nos princípios que vinculam seu povo a uma identidade comum¹³.

Essas características reforçam a hipótese de Pecequilo de que há um alto grau de continuidade na política externa estadunidense, e as mudanças durante a história representam ajustes táticos de diretrizes de acordo com o cenário externo e interno. Conforme a pesquisa de Pecequilo, considera-se que as ações dos Estados Unidos no sistema internacional seguem a manutenção e preservação de um conjunto de idéias nascido em 1776, gradualmente incorporadas à agenda, perseguidas de diferentes maneiras a depender das dinâmicas de poder e do cenário em questão¹⁴. Sendo assim, a finalidade deste trabalho é reconhecer as tradições ideacionais na política externa americana, e como estas afetam as ações democráticas dos governos de Wilson e Bush.

Outro ponto importante é a natureza dual das RI norte-americanas, entre idealismo e realismo. Pode-se perceber a rejeição de abordagens mais tradicionais de poder e a preferência por justificativas moralistas. A face norte-americana projetada internacionalmente defende os ideais da democracia e liberdade como missão divina e dever nacional, ainda que as iniciativas possuam interesses concretos bem definidos. Nesse sentido, no debate público os termos "interesses" e "valores" carregam suposições que normalmente afetam o resultado da discussão. Por exemplo, interesses podem trazer uma bagagem estratégica, realista, fria e calculista; enquanto valores podem transmitir a ideia de moralidade, idealismo, paixão e emoção¹⁵.

Em conformidade, de acordo com Mead (1989), a política externa dos países é

¹³SLAUGHTER, A. M. **The Idea that is America: Keeping Faith With Our Values in a Dangerous World**. EUA: Basic Books, 2007.

¹⁴PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 27.

¹⁵SLAUGHTER, A. M. **The Idea that is America: Keeping Faith With Our Values in a Dangerous World**. op. cit., p. 1-5.

sustentada por um conjunto de interesses e valores tradicionais, resumidos em preocupações estratégicas-chave traduzidos de acordo com o contexto da época. Assim, no que se refere aos interesses, há um padrão invariável nos Estados Unidos, podendo variar em sua implementação, mas com sua elaboração na tradição da nação. Para o autor, quatro são as prioridades desse padrão invariável dos Estados Unidos; a liberdade dos mares e ares; a abertura de portas e a expansão dos interesses comerciais; o controle dos fluxos financeiros, comerciais e monetários; e proteção doméstica do país e a preservação do caráter específico de sua sociedade e política¹⁶.

Da mesma maneira, Kegley e Wittkopf defendem que o comportamento dos Estados Unidos no sistema internacional tem como ponto de partida a independência norte-americana, com um padrão de interesses e valores permanentes. Esses princípios possuem forte simbolismo, como a visão de que os Estados Unidos são a face que projetam no mundo, e possuem em sua agenda: a garantia da paz e prosperidade, manutenção da estabilidade e segurança, e promoção e defesa da democracia¹⁷.

Em contrapartida, Ulysses Teixeira ressalta o posicionamento de Boorstin (1953): o autor defende o fenômeno de “*givenness*” do experimento americano, ou seja, resultado de valores advindos de fatores geográficos ou históricos. Esses valores foram reproduzidos diversas vezes, formando uma cultura política, como a liberdade e democracia, comumente vistas como características dos EUA. Também vale destacar a concepção de Louis Hartz da Tradição Liberal Americana, com a hipótese de que a ausência de instituições feudais nos Estados Unidos tornaram a centralização de poder desnecessária e permitiram o desenvolvimento da sociedade sem a necessidade de superar a oposição de uma classe social dominante¹⁸.

Assim, continua Hartz, estes fatores históricos trazem consigo um desenvolvimento político receoso do poder do Estado. Sendo assim, acompanhada de desconfiança, a atuação governamental provoca medo quanto à limitação de liberdades individuais. Consequentemente, tem-se a forte crença meritocrática embutida na sociedade, focada no indivíduo.

A exaltação do indivíduo é colocada à frente da mitologia política dos Estados

¹⁶MEAD, 1989 *apud* PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** p. 28.

¹⁷KEGLEY; WITTKOPF, 1996 *apud*. PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**

¹⁸TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2010.

Unidos, enquanto tendências coletivas praticamente não são reconhecidas pela mesma tradição. E da mesma maneira que o indivíduo é colocado acima da comunidade na esfera política doméstica, os interesses externos dos Estados Unidos são normalmente colocados bem acima dos interesses de respeito mútuo ou de coexistência internacional. Dadas estas suposições, temas da agenda internacional serão provavelmente considerados, como prevê Hofstadter, de um ponto de vista fortemente nacionalista e até mesmo isolacionista¹⁹.

Assim, resumidamente, a Tradição Liberal Americana refere-se a um tipo particular de liberalismo desenvolvido na América. Pode ser definida pelos seguintes pontos: liberdade, igualitarismo, individualismo, populismo e *laissez-faire*²⁰. Essas premissas moldam as estruturas políticas norte-americanas, fortalecem a crença na universalidade desses valores e sua superioridade moral, acarretando na postura missionária dos Estados Unidos em sua política externa²¹. Essa tradição, que se constrói desde os *founding fathers*, combina um conjunto bem definido de princípios morais e políticos. Nesse cenário, o indivíduo é o centro da vida política com direitos inalienáveis, enfatizando a liberdade individual e com certa desconfiança do poder. Além disso, também acreditam que a democracia é a melhor forma de governo, que favorece o Estado de Direito, a liberdade de expressão e as economias de mercado²².

De acordo com Castro Santos (2010), conclui-se que esses princípios liberais tradicionais são sempre os mesmos e estão sempre presentes na política externa americana, com maior ou menor ênfase relativa conforme o momento histórico, desde os *founding fathers*²³. Sendo assim, neste trabalho, serão analisados dois momentos onde o princípio tradicional da defesa da democracia possui maior ênfase relativa na política externa dos Estados Unidos: os governos de Woodrow Wilson e George W. Bush.

2.3 DEMOCRACIA NA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA

A fim de analisar a democracia na política externa, devemos retornar à origem e conceituação do termo. As origens do pensamento democrático vem do pensamento antigo Grego, onde democracia significa o governo do povo: *demos* se referiam às pessoas comuns,

¹⁹TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op cit, p.45

²⁰CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 56, n. 2, p. 131–156. 2013.

²¹ Ibidem, p.133.

²²CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **Interests and Values in Obama 's foreign Policy: Leading from Behind?** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 58, n. 2, p. 119–145, dez. 2015.

²³CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força**. Revista Brasileira de Política Internacional, Ano 53, nº 1, 2010.

às massas; *kratos* significava "poder". A democracia é um dos pontos-chave da política externa americana, e é considerada pelos norte-americanos como a melhor forma de governo²⁴. Como base teórica, utiliza-se aqui também a Teoria da Paz Democrática, baseada no princípio de que ao promover a democracia, promovemos a paz pois as democracias não entram em guerra umas contra as outras. Sendo assim, os Estados Unidos partem do pressuposto que o mundo poderia se tornar mais seguro pela democracia, embasado na filosofia política de Immanuel Kant²⁵.

Ainda no âmbito democrático, "Culture Matters" de Harrison e Huntington, (2000) traz a perspectiva cultural, essencial para a análise da exportação da democracia: tradições culturais são duradouras e moldam o comportamento político e econômico de suas sociedades. Ronald Inglehart (2000) aponta dois pontos cruciais: o desenvolvimento está ligado a mudanças em direção a valores cada vez mais racionais, tolerantes, confiantes e pós-modernos; porém, a cultura influencia esse caminho, onde fatores históricos dão origem a zonas culturais com sistemas de valores persistentes e distintos. Sendo assim, a exportação de um sistema democrático não é alcançada simplesmente por meio de mudanças institucionais, mas possui sua sobrevivência atrelada aos valores e crenças dos cidadãos comuns²⁶.

Quanto às formas de exportação de democracia, Ulysses Teixeira (2011) destaca o exemplarismo e o vindicacionismo. A política externa norte-americana indica uma relação entre segurança e expansão da democracia, perseguida em graus variados durante a história, com estratégias de persuasão e *state-building*. Tanto o vindicacionismo e o exemplarismo acreditam no excepcionalismo norte-americano e na ideia de *city upon a hill*, um *beacon* de exemplo para o mundo, derivado "dos valores liberais que apontam os Estados Unidos como um instrumento de transformação democrática no sistema internacional"²⁷.

Estas formas diferem em sua posição como *beacon* ou *crusader*, isto é, exemplarista ou vindicacionista respectivamente. O exemplarismo possui maior foco no desenvolvimento doméstico, liderando pelo exemplo, com ações externas restritas. Pelo primeiro, procura-se a preservação e aperfeiçoamento das instituições e dos valores norte-americanos, sendo assim, os Estados Unidos devem servir de modelo bem sucedido para o mundo. Por meio do mecanismo da força moral do exemplo, ocorreria a transformação de outras nações ao redor

²⁴JANDA, K.; BERRY, J. M.; GOLDMAN, J. **The Challenge of Democracy: government in America**. Wadsworth Cengage Learning, 11th ed. Boston, 2012.

²⁵JENTLESON, B. W. **American Foreign Policy: the dynamics of choice in the 21st century**. op. cit., p. .

²⁶INGLEHART, R. 2000. "Culture and Democracy" in HARRISON, L. E.; HUNTINGTON, S. P (eds.). **Culture Matters: How Values Shape Human Progress**. Foreign Affairs, v. 79, n. 3, p. 162, 2000. p. 96.

²⁷TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p.6.

do mundo.

Em contrapartida, o vindicacionismo possui uma ação intervencionista, e toma medidas efetivas para disseminar os valores “universais” e cumprir sua missão moral com o mundo. Os Estados Unidos devem ir além, e agir ativamente para tornar esses valores universais, acelerando o processo passivo do exemplarismo, até mesmo pelo uso da força se necessário²⁸. Contudo, tanto o vindicacionismo como o exemplarismo acreditam na universalidade dos valores e princípios democráticos, na relação direta entre democracia e segurança, e na responsabilidade norte-americana de liderar a democratização do mundo²⁹. O dualismo na política externa dos Estados Unidos se repete aqui, visto que, ambos possuem traços idealistas e realistas, respectivamente; o exemplarismo em sua crença na transformação liberal pelo exemplo, e no seu entendimento de limites de aplicação do poder; e a vindicacionista em sua visão da capacidade dos Estados Unidos nessa transformação, e em no reconhecimento dos limites do poder do exemplo e a necessidade de posicionamento ativo³⁰.

Aqui, serão analisadas as administrações de dois presidentes onde a exportação de democracia teve um papel crucial na política externa, ambos vindicacionistas: Woodrow Wilson e George W. Bush. Wilson pode ser considerado um exemplo de vindicacionista, ilustrado pelo seu discurso em 1917 onde defende a luta pela paz e pela liberdade, e o dever dos Estados Unidos de tornar o mundo um lugar seguro para a democracia. Já a administração de Bush se tornou vindicacionista após os ataques do 11 de setembro, mudando seu posicionamento para o de uma ação preventiva, a fim de impedir ameaças a sua segurança e a promoção uma ordem mundial baseada nos valores norte-americanos, ilustrada pela Guerra do Iraque³¹.

2.4 WILSON E BUSH FILHO

Utilizando as categorias de reposicionamento americano de Pecequillo (2003), será analisado o período de 1917 a 1921 no contexto da Primeira Guerra Mundial e as propostas wilsonianas para a construção da ordem internacional baseada na democracia. De acordo com a autora, sete são os componentes históricos que surgiram de 1776 a 1945: o experimento norte-americano, o isolacionismo e o unilateralismo, a expansão das fronteiras, o sistema

²⁸Ibidem, p.8.

²⁹TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p.66.

³⁰TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Estratégias de Promoção de Democracia na Política Externa Americana: o Caso da Doutrina Bush**. 3º Encontro Nacional da ABRI Painel Pe 26. Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília. São Paulo, 2011.

³¹Ibidem, p. 15.

americano, as portas abertas, o império norte-americano e o wilsonismo³². Entre esses componentes históricos, destaca-se o último deles; o wilsonismo. A Primeira Guerra foi a raiz da formulação pioneira de uma proposta de ação internacional abrangente pelos Estados Unidos, pela visão de mundo norte-americana e seu papel ativo na construção e expansão da nova ordem.

Pecequilo (2003) define o wilsonismo como uma representação de internacionalismo; ação ativa e intervencionismo; moralismo e retórica; e principalmente, da centralidade, da liberdade e dos valores democráticos. Em seu discurso dos Quatorze Pontos, Wilson propunha a construção de uma ordem internacional à semelhança da norte-americana, da exportação da democracia e conseqüentemente da paz. Exportando o modelo excepcional americano, e cumprindo a missão divina de levar progresso para outras civilizações. O wilsonismo não apenas introduz novos elementos na política externa norte-americana, como também retoma suas tradições, tais como a promoção da democracia e a crença na república. Pode ser considerado um aperfeiçoamento do experimento americano pois prevê uma ação direta estadunidense para promovê-lo³³.

De acordo com Castro Santos (2010), a democracia teve um papel essencial na Doutrina Bush, o combustível da guerra preventiva no Iraque e na Guerra ao Terror. Após o fim da Guerra Fria, George W. Bush foi o presidente que fez uso dos meios mais radicais de exportação de democracia: o uso da força³⁴. Bush filho considerava a democracia como a arma que ganharia a Guerra ao Terror. O presidente tornou a exportação de democracia um pilar da política externa dos Estados Unidos após o 11 de setembro, evidenciando a importância da análise de sua presidência neste trabalho.

A Doutrina Bush se relaciona diretamente com o excepcionalismo norte-americano: uma expressão das condições políticas e econômicas únicas do processo americano de construção do Estado e da nação, e como afetam suas estruturas constitucionais e a tomada de decisões. São definidos como pilares da doutrina de política externa americana no pós-guerra fria, resultado da análise de Castro Santos (2010) de 415 discursos: a universalidade dos valores e princípios da democracia liberal ocidental, bem como seus benefícios para a humanidade; o princípio de que democracias não entram em guerra umas com as outras, e portanto exportar democracia é promover a paz; e a premissa de que a promoção de

³² PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p.33.

³³ Ibidem, p. 99-100

³⁴ CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força.** Revista Brasileira de Política Internacional, Ano 53, nº 1, 2010.

democracia torna o mundo mais seguro e próspero para os Estados Unidos, relacionado à segurança e os interesses econômicos do país. A partir disso, é delineada a missão dos Estados Unidos de levar a liberdade e democracia para o mundo³⁵.

Em conclusão, o Wilsonismo nasce das bases descritas anteriormente, desde 1776, da construção da identidade norte-americana, e da crença de um modelo a ser seguido pelo resto do mundo. Com a exportação destes valores, o mundo estaria mais seguro em um sistema democrático internacional: conseqüentemente, os Estados Unidos estariam também mais seguros e a paz seria garantida. Wilson traz os pontos de democracia, segurança coletiva e autodeterminação para o topo da agenda da política externa. Anos depois, no cenário de pós Guerra Fria com a primazia estadunidense no cenário internacional, atrelada ao sentimento de vindicacionismo do 11 de setembro, Bush retoma explicitamente a busca pela remodelação do mundo à imagem norte-americana e disseminação dos valores da nação. Portanto, nos capítulos a seguir será analisado o papel da democracia na política externa americana, especialmente no governo de Wilson e Bush.

³⁵ Ibidem, p. 134.

3 WOODROW WILSON

The world must be made safe for democracy. Its peace must be planted upon the tested foundations of political liberty. We have no selfish ends to serve.
WOODROW WILSON (UNITED STATES, 1917).

A análise do governo de Woodrow Wilson é essencial para essa pesquisa, visto que, foi o primeiro presidente a fazer da promoção da democracia um objetivo central da política externa dos Estados Unidos. Já em sua trajetória acadêmica Wilson mostrava interesse nesta forma de governo, e publicou o livro *The Modern Democratic State*, onde explora as condições para uma democracia bem sucedida, e a considerava um estágio de desenvolvimento construído lentamente pelo hábito. Para Wilson, a democracia era fruto de um crescimento comercial, imprensa livre e educação popular; e os americanos estariam à frente do progresso mundial com seu sistema de governo bem-sucedido³⁶.

Contudo, ao entrar para a política, Wilson muda sua visão conservadora sobre a acessibilidade da democracia, e se torna mais enfático sobre o valor da forma de governo e sistema social. No início de seu mandato, contava com um plano doméstico bem definido, ao contrário da política externa: como muitos presidentes, a elaborou em resposta a desenvolvimentos no contexto internacional³⁷. Nesse caso, a turbulência consiste principalmente na Primeira Guerra Mundial, o que alterou o envolvimento norte-americano na política internacional para um nível sem precedentes.

Woodrow Wilson inicia a implementação de uma política internacional idealista, baseada na moral e valores, contraposta ao realismo europeu. Os princípios defendidos por Wilson possuem tamanha relevância que constituem um dos quatro tipos principais de política externa da Tradição Liberal Americana, de acordo com Mead (2006): a hamiltoniana, jaksoniana, jeffersoniana e wilsoniana. Por meio dessas, o autor busca fornecer um panorama conectado da história norte-americana como um todo, caracterizado por importantes figuras políticas do país. A abordagem wilsoniana é caracterizada pela crença de que os Estados Unidos devem disseminar seus valores para o mundo, e possui origem nos peregrinos missionários que disseminavam seus valores às populações locais³⁸.

Essa visão missionária se expressa pela busca de uma ordem à imagem

³⁶THOMPSON, J. A. 2009. "Woodrow Wilson" in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas (eds). **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. United States: Routledge, 2013.

³⁷ Ibidem, p.54

³⁸ MEAD, 2006. *apud* CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush**. (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

estadunidense, fundada nestes valores excepcionais. No contexto do envolvimento europeu na Guerra Mundial, e consequente declínio da posição do continente no sistema internacional, os Estados Unidos assistiram ao conflito distanciados, evitando o envolvimento direto, beneficiados pela sua posição geográfica isolada. Ainda assim, a expansão dos interesses norte-americanos dependia de um cenário internacional estável, com poderes não rivais aos Estados Unidos em posição dominante. Com isso, Pecequilo (2003) destaca a preocupação estadunidense de prosperar e expandir seus interesses em um cenário incerto ou hostil. Conforme a guerra se desenrolava, as chances de vitória alemã cresciam, e com elas a possibilidade da Alemanha se tornar uma potência internacional, bem como, a vitória de um sistema político autoritário e não democrático³⁹.

A entrada americana na guerra foi motivada pela instabilidade do sistema internacional e da balança de poder, encorajada por razões ideológicas. Retomando a ideia missionária tradicional da política norte-americana, mais uma vez se justifica a busca de um objetivo específico por um motivo idealista, como a necessidade da expansão democrática. A política externa norte americana possui uma herança anglo-saxã de associar a segurança nacional com o equilíbrio de poder, exemplificada pela ação de Woodrow Wilson frente à possibilidade de vitória alemã⁴⁰.

O objetivo wilsoniano era de que uma estrutura baseada nos valores norte-americanos, como a ordem pacífica, a democracia e o livre-comércio, seria benéfica para a segurança do país, assegurando a paz e estabilidade. Sem precedentes internacionais, a entrada na guerra por uma “paz sem vitoriosos” representou uma ação pioneira na promoção dos valores dos Estados Unidos e de reforma da ordem mundial: “a Primeira Guerra foi a primeira vez na qual o país aventurou-se na missão de “salvar a humanidade” e reorganizar o sistema internacional de acordo com seus princípios”⁴¹.

3.1 WILSON E A PRIMEIRA GUERRA

Primeiramente, a resposta de Wilson foi afastar os Estados Unidos o máximo possível da guerra e seus efeitos desastrosos. Com o objetivo de minimizar as consequências da guerra no país, Wilson inicialmente manteve a posição neutra. A militarização significaria que os Estados Unidos haviam sido afetados por uma guerra “que não tinha nada a ver com

³⁹ PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 89.

⁴⁰GADDIS, 1991, p. 9 *apud* PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 90

⁴¹CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush.** op. cit., p. 21.

eles e não poderia os afetar”⁴². Então, Wilson reforçou a capacidade distinta do país como única grande potência não envolvida, e sua missão de trazer a paz de volta à Europa. Sendo assim, foi delineada a responsabilidade da diplomacia norte-americana, ainda que questionada sobre qual tipo de paz buscariam e a contribuição do país nesse caminho. O então presidente enfatizou a futilidade que acreditava ser o emprego da força para resolver as diferenças entre os países, e culpou as elites europeias e seus anseios imperialistas.

Ao ser questionado se os Estados Unidos tomariam parte na construção ativa de um programa de segurança para o futuro, a resposta norte-americana foi que não se envolveriam em questões europeias, o que seria contraditório para a política tradicional do país. Ironicamente, após o afundamento do transatlântico britânico Lusitânia em 1915, causado por um submarino alemão, o apoio internacional mudou. Após o acontecimento, Wilson se tornou mais preocupado em trazer um fim à guerra o mais rápido possível. Contrariamente à política de não-envolvimento, em 1916 o presidente declara que não era mais viável que os Estados Unidos se isolasse de acontecimentos internacionais: admite que não são meros observadores, mas sim, participantes do cenário mundial⁴³.

Os Estados Unidos entraram na guerra em 1917 com o objetivo de “terminar todas as guerras”, “tornar o mundo seguro para a democracia” e “construir uma paz sem vencedores”. Porém, a Primeira Guerra foi apenas o início do processo de reordenamento do cenário internacional e da balança de poder, bem como a democracia, que ainda passaria pelos desafios dos regimes totalitários nos anos 30 ⁴⁴. Tal fracasso pode ser atribuído à reorganização do cenário europeu e ao papel dos Estados Unidos. O primeiro, principalmente causado pela integração do poder alemão, antecedente da Segunda Guerra. Da mesma maneira, a Paz de Versalhes possui grande participação nos acontecimentos posteriores, dado que a paz punitiva imposta e sua tentativa de controle do poder acarretou em um estado amargurado que retomaria sua expansão geopolítica assim que possível.

Segundo, após sua participação na guerra e em seu encerramento, os Estados Unidos retornam para casa e abdicam das responsabilidades de reordenamento internacional. Representado pelo desengajamento, o país volta à sua atitude isolacionista e seus esforços para o processo de implementação da paz falham. Tal atitude se deve à oposição doméstica estadunidense da opinião pública e da classe política, onde o internacionalista Woodrow

⁴²THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p.57.

⁴³Ibidem, p. 58.

⁴⁴PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 91.

Wilson é derrotado nas eleições para o isolacionista Warren Harding. O isolacionismo que se opunha às idéias de Wilson, defendia a não-associação do país com compromissos políticos com outras nações, pois se perderia a liberdade dos interesses norte-americanos na tomada de decisão, subjugando-os aos de outras nações⁴⁵. Assim, se rejeitava associações coletivas e multilaterais, como a Liga das Nações.

3.2 OS 14 PONTOS E O WILSONISMO

Para compreender o wilsonismo e sua relação com os valores norte-americanos e a democracia, deve ser analisado os Quatorze Pontos: o famoso discurso proferido por Woodrow Wilson em janeiro de 1918 perante ao Senado, onde é justificada a participação dos Estados Unidos no conflito é apresentado o programa para a paz mundial. Os Quatorze Pontos de Wilson podem ser considerados o discurso mais importante da política externa americana no século XX, um mapa para reorganizar a política mundial⁴⁶. Como base teórica, destaca-se a visão de Mearsheimer (2001) sobre o idealismo wilsoniano. O autor aponta que a corrente se encaixa nas três premissas das teorias liberais: os Estados são os atores mais importantes do sistema internacional; a relação entre o comportamento doméstico e externo, determinante para as ações internacionais, tornando as democracias a forma de governo preferível; e o princípio de que os cálculos de poder devem ser superados por interesses políticos e econômicos⁴⁷.

Wilson apresenta ao Senado um programa para a paz mundial, a organização de uma ordem pacífica com paz duradoura, fundada em um sistema de segurança coletiva e multilateralismo. Percebe-se também o papel ativo dos Estados Unidos na política mundial do wilsonismo, com um discurso moralista de seus valores nacionais, políticos e econômicos; ampliando a visão positiva do caráter do ser humano para o sistema internacional, de estado hobbesiano para lockeano. Na corrente, vale ressaltar os seguintes pontos: a diplomacia aberta, a remoção de barreiras comerciais, o desarmamento geral, e a resolução imparcial das disputas coloniais, reconhecendo o direito à autodeterminação⁴⁸.

Já de acordo com Pecequillo (2003), os princípios fundamentais da ordem idealista de Wilson são: a democracia, a segurança coletiva e a autodeterminação. Em contrapartida aos mecanismos tradicionais europeus de diplomacia, os Quatorze Pontos trazem arranjos

⁴⁵Ibidem, p. 92.

⁴⁶IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. Princeton, NJ. Princeton University Press, 2009.

⁴⁷MEARSHEIMER, 2001 *apud* CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush**. op. cit., p.24

⁴⁸Ibidem, p. 23.

cooperativos e transparência nas relações internacionais. Os objetivos definidos por Wilson em seu “programa para a paz” se dividem em dois tipos: os obrigatórios, com prioridade imediata; e os que seriam buscados com a resolução do conflito, como questões territoriais. Entre os pontos prioritários, destaca-se alguns como: a liberdade dos mares, a remoção de barreiras comerciais, desarmamento global, a resolução imparcial de disputas coloniais, e por fim, a criação da Liga das Nações⁴⁹.

Como pilar do wilsonismo, destaca-se primeiramente a fundação da ordem internacional construída sob uma comunidade de estados democráticos. A visão de Wilson defendia que a paz inabalável só poderia ser mantida por uma parceria de nações democráticas, e que nenhuma nação autocrática poderia ser confiável pois, somente os povos livres poderiam manter seu propósito e sua honra⁵⁰. A busca pela paz se tornou o foco de Wilson durante seu tempo na presidência, com o objetivo de proteger a segurança e tranquilidade dos Estados Unidos, e assumir um papel de liderança no estabelecimento da nova ordem mundial. Enfatizou os elementos que considerava essenciais para uma paz duradoura: o estabelecimento de uma associação universal das nações para prevenir a guerra, a redução de armamentos, uma nova diplomacia, entre outros. Esses princípios, com repúdio imperialista, retomam os valores da Declaração de Independência dos Estados Unidos⁵¹.

Ainda na esfera pacifista, a “paz sem vitoriosos” é um ponto crucial ao pensar no pós Primeira Guerra e as consequências para a Alemanha. O presidente acreditava que a vitória significaria uma paz imposta a um perdedor, aceita em humilhação, e traria uma memória amarga a esses países. Assim, a paz não seria duradoura, mas sim, uma areia movediça⁵². A visão de Wilson se mostra uma preocupação importante, considerando os desdobramentos da Segunda Guerra, fortemente afetados pelo revanchismo.

Além disso, outro pilar do Wilsonismo, é representado pelo terceiro ponto: o livre comércio e o intercâmbio socioeconômico; o que traria modernização e efeito civilizador sobre os estados, fortalecendo a comunidade internacional. Wilson fortalecia nesse ponto a ideia de que o comércio teria um impacto positivo nas nações, promovendo prosperidade e compromisso com relações pacíficas. Similarmente, o direito internacional, os organismos internacionais de cooperação, e a resolução de conflitos também possuem um impacto

⁴⁹PECEQUILO, C. S. *A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* op. cit., p. 95.

⁵⁰IKENBERRY, G. John et al (eds). *The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century*. op. cit., p. 11.

⁵¹THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. *US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama*. op. cit., p.58.

⁵²Ibidem, p. 59

modernizador e civilizador sobre os Estados, e promovendo a paz. Com isso, a ideia era que o direito internacional tivesse uma dinâmica socializadora, com normas e expectativas a serem alcançadas, voltado para uma ação “melhor”, menos unilateral e egoísta⁵³.

A partir do pressuposto de que a Primeira Guerra era consequência do desequilíbrio de poder europeu, afetado pela competição entre os países, o raciocínio político de Wilson chega à conclusão que o sistema era inadequado para atingir a paz duradoura. Nesse cenário, a busca individualista dos países levava ao confronto pelo choque de interesses, e prejudicava a busca pelas verdadeiras aspirações das sociedades⁵⁴. Sendo assim, o wilsonismo abraça a ideia de que uma ordem internacional pacífica e estável deve ser construída ao redor de uma “comunidade de poder”, representada por um sistema de segurança coletiva no sistema para a paz, sustentada por compromissos de desarmamento, autodeterminação e liberdade dos mares. Esse novo arranjo substituiria as antigas noções de política internacional, como balança de poder, competição e alianças; por uma comunidade de nações. Essas noções antigas estavam em processo de mudança, e com ela, vinha a possibilidade de uma nova ordem baseada na democracia⁵⁵.

Por fim, como fundamento do wilsonismo, devemos considerar o papel dos Estados Unidos e suas responsabilidades especiais de liderar e inspirar o mundo de acordo com suas ideias fundadoras, posição geopolítica, e dever de liderança⁵⁶. Isso advém do papel moral da história norte-americana, como líder de uma mudança progressiva; e assim, Wilson estaria rejeitando a tradição geopolítica de dominância de um poder, e a América estaria liderando as nações para um mundo melhor. Nesse cenário de construção de um novo sistema internacional, idealizado à imagem norte-americana, seriam administrados os impulsos negativos das nações, por leis, organizações e instituições que garantissem a “*pursuit of happiness*” sem o confronto⁵⁷. Nessa exportação do modelo norte-americano, o cenário doméstico seria ampliado para o mundo, considerando seu sucesso. Assim, se cumpriria o destino presente no ideal tradicional da política estadunidense; sua missão divina de levar o progresso para outras civilizações.

Entretanto, os Quatorze pontos trouxeram consigo incerteza em sua implementação,

⁵³IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p. 12.

⁵⁴PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 94.

⁵⁵IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p. 12.

⁵⁶Ibidem, p. 13

⁵⁷PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 96.

principalmente na política doméstica e na adoção da Liga. As principais preocupações internas consistiam no comprometimento de proteger os membros contra agressão; nas ameaças internacionais como questão que concerne a todos os membros; nas disputas que seriam submetidas à arbitragem da Liga; e principalmente na premissa de que a declaração de guerra a um membro se estende à todos, e a submissão de decisões e recursos à Liga em casos de enfrentamento direto⁵⁸. Ou seja, as principais preocupações estavam atreladas à correlacionar a segurança dos Estados Unidos a outros estados e defendê-los, prejudicando a liberdade de tomada de decisão, e afetando um dos pilares da política externa norte-americana.

Ao fim do conflito, os antagonismos nacionalistas, medos e ambições se mostraram mais fortes do que o sentimento internacionalista, inclusive nos Estados Unidos. Os republicanos possuíam a maioria nas duas casas do Congresso, e o apoio dos Aliados também não se mostrou forte como Wilson imaginou⁵⁹. Consequentemente, o Senado norte-americano rejeitou a participação dos Estados Unidos na Liga das Nações em 1920. Questionavam o porquê da adesão a um arranjo arriscado, sendo que havia a possibilidade de retornar ao isolamento político nas questões europeias e manter sua busca pelo aumento do seu domínio político e econômico. Sendo assim, deixaram claro que não tomariam a frente da manutenção e administração da ordem internacional, ainda não preparados para dar o próximo passo na transição da política externa⁶⁰.

Em síntese, podemos concluir que “a ordem proposta por Wilson, fundamentada em princípios idealistas e cooperativos, (...) não apenas introduziu novos elementos para a ação norte-americana, como retomou suas tradições”⁶¹. A proposta de Wilson é pioneira em termos de multilateralismo e participação dos Estados Unidos no cenário internacional, e ainda que não tenha alcançado seus objetivos em seu tempo, foi crucial na definição do futuro da ação do país no pós guerra e da intensidade de sua participação no sistema internacional.

3.2.1 A PROMOÇÃO DA DEMOCRACIA

Quanto aos pontos fundamentais do Wilsonismo, será analisada em especial a promoção da democracia. Na decisão norte-americana de entrada na guerra em 1917 Wilson argumentou que para alcançar uma ordem mundial pacífica era necessário a expansão da

⁵⁸Ibidem, p. 97.

⁵⁹THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p.62.

⁶⁰PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 98.

⁶¹Ibidem, p. 96.

democracia. Para embasar seu argumento, destaca-se a teoria da paz democrática. A Liga das Nações é associada com a ideia de que um sistema pacífico só poderia ser mantido pela parceria de governos democráticos, e governos autocráticos não eram dignos de confiança⁶². Os Estados Unidos estariam lutando pelos valores que sempre defenderam, entre eles a democracia. Então, retorna-se aos valores tradicionais da nação e a ideia missionária estadunidense, já mencionadas no capítulo anterior, como uma forma de mobilizar apoio à entrada na guerra.

Dentro do wilsonismo, a promoção da democracia possui certa preponderância. Dada a valorização norte-americana dos valores na política externa, e sua auto-percepção excepcional, a forma de governo é incluída nesta “superioridade”. A democracia é vista como um modelo ideal a ser compartilhado por todas as nações, apresentada no wilsonismo como essencial para construção da ordem internacional. Baseado na teoria da paz democrática, a ideia kantiana toma como verdade que as democracias não lutam entre si, baseada no poder com o consentimento dos governados, onde seria formada uma federação pacífica de estados democráticos⁶³. Smith (2009) considera a promoção da democracia como o principal legado de Wilson, e sua maior ambição como o aumento da segurança nacional⁶⁴.

Considerando os valores democráticos dos Estados Unidos, a política externa do governo de Woodrow Wilson seguiu um padrão persistente e recorrente. A democracia se manteve como um valor fortemente defendido, justificando ações políticas e determinando objetivos a serem buscados. De acordo com John A. Thompson (2013), as políticas vinham primeiro e eram atreladas à busca pela democracia posteriormente, à exemplo da entrada da Guerra contra a Alemanha e a Liga das Nações⁶⁵. Isso pode ser visto no posicionamento de que nenhuma nação em específico era culpada pelo conflito, mas sim, o sistema internacional de políticas de poder. Porém, após a mudança do status norte-americano para nação beligerante, Wilson declarou que a Alemanha havia começado a Guerra, e era uma batalha entre os antigos princípios de poder e o novo princípio da liberdade.

Ademais, a tarefa da construção da ordem internacional vem à tona com o wilsonismo, já que o país não poderia mais desconsiderar os efeitos dos acontecimentos do

⁶² THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p.60.

⁶³CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush**. op. cit., p.27.

⁶⁴ SMITH, T. 2009 in IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**.

⁶⁵THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p.64.

sistema internacional em seu cenário doméstico, quebrando com a ideia do isolacionismo privilegiado, e compreendendo a necessidade da estabilidade internacional para os interesses norte-americanos. Assim, se estabelece uma relação entre a segurança nacional e o sistema internacional, onde se torna necessário a promoção ativa e direta dos valores norte-americanos, e de princípios como a democracia⁶⁶.

Os Quatorze Pontos e seu programa para a paz representava a defesa de uma paz democrática. Em sua campanha nacional pela Liga, defendeu que a nova ordem mundial seria democrática, e o poder autocrático seria destruído, pois a Liga só admitiria países com instituições consideradas livres. Contudo, nos 30 países que assinaram inicialmente, menos da metade eram democracias, e dos 57 posteriores ainda menos possuíam essa forma de governo⁶⁷. Um princípio importante ao pensar em democracia, a autodeterminação, foi amplamente defendida por Wilson, a exemplo de disputas territoriais europeias, reforçando o “consentimento dos governados”. Contudo, esse princípio se aplica de diferentes maneiras ao considerar povos não europeus, como em sistemas coloniais, reforçando a visão distinta de capacidade de autogovernança do presidente, dependente de estágios de desenvolvimento.

Por fim, vale ressaltar a priorização do estabelecimento de um sistema internacional que preveniria acontecimentos catastróficos como a Primeira Guerra. Nesse âmbito, Wilson enfatizou o papel da promoção da democracia como um objetivo estratégico, central e essencial⁶⁸. A experiência do presidente se mostrou difícil ao tentar conciliar valores como a democracia, autodeterminação, e direitos humanos. Para implementar um sistema com diversos países tão diferentes seria necessário que grandes poderes acomodassem seus interesses e se comprometessem à ideia do “governo pelo consentimento dos governados”. Nesse ponto, a política norte-americana ainda não estava pronta para abrir mão de seus interesses pelo bem comum, como idealizava Wilson.

3.3 LEGADO

A ordem Wilsoniana no pós guerra viu o abandono do internacionalismo, mas ainda assim teve grande impacto na política externa dos Estados Unidos e nas relações internacionais. Na visão de Ikenberry (2009), Wilson se tornou o *founding father* da tradição liberal americana na política externa. Na convicção de Wilson, as características internas de

⁶⁶PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 100.

⁶⁷THOMPSON, J. A. 2009. “Woodrow Wilson” in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama.** op. cit., p.63.

⁶⁸Ibidem, p. 64.

estados seriam decisivas na paz e na guerra, ou seja; estados autocráticos e militares entram em guerra, e democracias são pacíficas. Essa questão democrática é um pilar do wilsonismo e da tradição liberal internacionalista, e portanto essenciais para esse trabalho⁶⁹. O legado de Wilson pode ser resumido por:

In the end, the animating purpose of Wilson's foreign policy was to enable the United States to live its own life in accordance with its own historic values and traditions, as undisturbed as possible by the turbulent and dangerous world of the twentieth century. The phrase most often taken to encapsulate it should be read literally. His strategy was designed to 'make the world safe for democracy', not to spread democracy to the ends of the earth⁷⁰.

A relevância do Wilsonismo é inegável, e constitui uma das mais importantes influências na política externa americana, pelo seu projeto de ordem e promoção da democracia⁷¹. A política de Wilson representa o realismo e o idealismo das RI norte-americanas: primeiro pela ambição de moldar o mundo aos seus próprios princípios, com a ação direta ativa e intervencionista. A representação dos Estados Unidos como o guardião do bem-estar mundial, a nação mais iluminada do mundo que ajudaria os outros povos a se tornarem como eles. Já no lado idealista, é representada pelo otimismo humano nos valores da democracia, segurança coletiva e autodeterminação. É considerado uma parte final do padrão histórico da política externa dos Estados Unidos, uma extensão da ideia do experimento norte-americano que resgata temas tradicionais importantes, como a promoção da democracia.

Os componentes e princípios do wilsonismo, sintetizados nos Quatorze Pontos, na Paz de Versalhes e na Liga das Nações, tiveram um impacto permanente e duradouro não só para a política externa norte-americana, mas para as relações internacionais⁷².

Retomando os interesses tradicionais abordados anteriormente, entre os interesses permanentes do país integrados às tradições históricas da política externa estão: a manutenção da estabilidade do sistema internacional e a prevenção do surgimento de hegemonias regionais⁷³. Esses princípios podem ser ilustrados pela participação do país na Primeira Guerra Mundial, provocada pela manutenção do equilíbrio de poder e impedimento da

⁶⁹IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p. 10.

⁷⁰THOMPSON, J. A. 2009. "Woodrow Wilson" in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p.65.

⁷¹SMITH, 1995 *apud* PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 99

⁷²PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 100.

⁷³Ibidem, p. 101.

Alemanha se tornar o *hegemon*; e da vitória da visão de mundo alemã, autoritária e não democrática.

Considerando o histórico estadunidense de nação voltada à si mesma e sua autopercepção de superioridade, seria apenas lógico voltar à normalidade após o conflito, ao seu isolacionismo e unilateralismo. A outra opção se mostrava como um transtorno, um perigo à liberdade e sociedade, então seria mais benéfico o retorno a estratégia de “servir de exemplo”⁷⁴. Sendo assim, a implementação não teve sucesso. A “paz sem vencedores” não foi adotada, e na prática foram impostas duras penalidades. Internamente Wilson também falhou, e a Carta das Nações não foi ratificada pelo Senado, e ao invés do papel ativo idealizado para o país na reconstrução do cenário internacional, retornou ao isolacionismo. Mesmo assim, o wilsonismo se tornou um legado para política internacional norte-americana, e como colocado por Smith (2009), o principal elemento desse legado seria a exportação da democracia⁷⁵. Essa concepção wilsoniana foi retomada em alguns pontos da história do país, entre eles certamente está o governo Bush que será visto na próxima seção.

⁷⁴LIPPMAN, 1943. *apud* PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?**

⁷⁵ SMITH, T. 2009 in IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century.**

4 GEORGE W. BUSH

“History has called our Nation into action. History has placed a great challenge before us: Will America, with our unique position and power, blink in the face of terror, or will we lead to a freer, more civilized world? There’s only one answer: This great country will lead the world to safety, security, peace, and freedom”
GEORGE W. BUSH⁷⁶

A administração de Bush filho está inserida no contexto do pós-Guerra Fria, onde a vitória norte-americana no mundo polarizado foi interpretada como um reflexo da superioridade dos valores democrático-liberais e do *American Way of Life*. Os Estados Unidos estavam em uma posição de poder hegemônico, os valores e o sistema político-econômico do país haviam vencido, entre eles a democracia e liberdade.

Por causa de sua posição bem-estabelecida e vitoriosa como poder mundial no pós-guerra fria, a opinião doméstica norte-americana não se preocupava tanto que seu país mantivesse o nível de liderança global militar que exercia durante a Guerra Fria⁷⁷.

No imaginário popular, os Estados Unidos estavam mais imunes do que nunca aos perigos do sistema internacional e, portanto, mais capazes de executar sua missão de liderar a humanidade em direção à liberdade. A relativa calma do final da década de 1990 confirmava a crença norte-americana de que o estado natural da política internacional era a paz, e não a guerra, e que a promoção da democracia (e do livre mercado) poderia eliminar os conflitos⁷⁸.

Os Estados Unidos consideravam seus valores como universais, e a sua disseminação benéfica para todos: abrindo caminho para tornar o mundo não apenas mais seguro, como também mais propício ao capitalismo. Essa visão retoma tradições norte-americanas enunciadas por Woodrow Wilson, e assim como Wilson procurou "ensinar a eleger homens bons", Bush almejou levar a democracia, a liberdade, o capitalismo e as eleições livres para outras nações⁷⁹.

Tanto o governo de Bush filho (este, após o 11 de Setembro) quanto a administração de Bill Clinton priorizaram a expansão da ordem democrática pelo uso da força, no rastro das invasões militares no Oriente Médio e na Europa Oriental, respectivamente. No início do seu mandato Bush defendia que o multilateralismo e o internacionalismo liberal, não

⁷⁶ESTADOS UNIDOS. Presidente (2001 – 2008: George W. Bush). **Address to the Nation on the Proposed Department of Homeland Security**. Washington, D.C., Junho. 2002. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-nation-the-proposed-department-homeland-security>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

⁷⁷ TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-Graduação de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2010.

⁷⁸ Ibidem, p. 82.

⁷⁹ JERVIS, Robert. **Understanding the Bush Doctrine**. *Political Science Quarterly*, Vol. 118, No. 3, pp. 365-388, 2003. p.366.

representavam as aspirações internacionais do povo americano. Tal descrença é representada pelas suas promessas de campanha sobre ser mais seletivo quanto ao uso da força e defesa de uma ação menos intervencionista nos assuntos internos de outros países. Então, o início do governo Bush realiza transformações significativas na política externa, contestando as intervenções humanitárias e as ações de *nation-building* de Clinton, declarando seu ceticismo sobre a exportação de democracia⁸⁰.

De fato, nesse período inicial Bush apresentava uma estratégia exemplarista⁸¹. Essa posição pode ser ilustrada pela defesa de que os Estados Unidos devem ter orgulho e confiança nos seus valores, e devem ser humildes na forma como tratam as nações que estão descobrindo seu próprio rumo. Entretanto, mesmo assumindo essa abordagem exemplarista, a primeira fase do governo Bush incluiu em sua agenda de política externa: a postura inflexível diante de potenciais adversários, a crença na relevância do poder militar, e o já citado ceticismo com relação às instituições multilaterais⁸².

Após o 11/09, contudo, a administração Bush passa por crítica virada na política externa; de uma abordagem conservadora que defendia o retorno ao realismo, para a defesa do forte uso do internacionalismo liberal para justificar invasões e uma agenda expansiva no cenário internacional⁸³.

4.1 11 DE SETEMBRO

Os ataques em 11 de setembro de 2001 provocaram um grande abalo na nação norte-americana, causados por meio do sequestro de quatro aviões comerciais que atingiram as Torres Gêmeas do World Trade Center e o Pentágono. O quarto avião foi impedido pelos passageiros de atingir o alvo (presumidamente Casa Branca ou Capitólio) e caiu em um campo na Pensilvânia. Ao todo, 2.977 pessoas foram mortas, e a escolha dos locais representava um ataque aos ideais econômicos, militares e políticos dos Estados Unidos⁸⁴. O 11 de setembro é assim um acontecimento marcante na história dos Estados Unidos que mudou o rumo do cenário internacional. O maior ataque ao país desde Pearl Harbor motivou mudanças drásticas na política externa norte-americana no governo Bush.

A fim de analisar essa mudança, é necessário considerar o poder da dimensão

⁸⁰ TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p. 92.

⁸¹ Ibidem, p. 85.

⁸² Ibidem, p.95.

⁸³ IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p.5.

⁸⁴ BBC. **Atentados de 11 de Setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21**. Setembro, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 23/09/2022.

ideacional norte-americana na política externa, um dos pontos focais deste trabalho. Teixeira (2011) destaca que choques externos, como novas ameaças, podem causar fortes mudanças na política externa de um país: frente à incerteza, nesses momentos, de como buscar os interesses nacionais e a fatores como o tempo limitado, os governantes seriam forçados a recorrer ao sistema de crenças da sociedade⁸⁵. Nessas situações, o presidente e seus assessores costumam ter considerável autonomia para reagir às pressões externas⁸⁶. A partir da base teórica de Goldstein e Keohane (1993) apresentada anteriormente, os tomadores de decisões recorrem à um mapa de ação, onde as idéias orientam o comportamento sob condições de incerteza, estipulando padrões causais ou fornecendo motivações éticas/morais convincentes⁸⁷.

Os ataques do 11 de setembro foram um desses choques externos, causando mudança radical na política externa dos Estados Unidos, passando a ser enfatizada a preponderância norte-americana; a promoção da democracia, até mesmo pelo uso da força; e a necessidade de ação militar preemptiva. Foi abandonado o posicionamento cuidadoso em relação ao uso da força, bem como a posição isolacionista e exemplarista na política externa; substituídos por estratégia fundamentada em antigas suposições liberais sobre como responder a ameaças externas as quais “seguia[m] os princípios de um wilsonismo vigoroso e assertivo”⁸⁸.

A estratégia exemplarista então, crítica do uso da força e de intervenções, é deixada de lado e assume-se a vindicacionista, consequência do “choque externo” e da ameaça à segurança estadunidense e seus valores. Tal mudança pode ser indicada pelo posicionamento: “We choose leadership over isolationism (...) We seek to shape the world, not merely be shaped by it; to influence events for the better instead of being at their mercy”⁸⁹. Assim como Woodrow Wilson, Bush adota a estratégia vindicacionista na política externa em resposta aos ataques à segurança norte-americana.

George W. Bush retoma assim a tradição liberal e os princípios tradicionais dos Estados Unidos como nação para formular uma resposta aos ataques. Pela lógica da administração, a única maneira de garantir que isso não aconteceria novamente seria mudar o cenário global que tornou possível os ataques. Essa ideia de mudar o mundo nos moldes dos valores norte-americanos, para servir aos interesses do país é um componente tradicional e

⁸⁵ KATZENSTEIN, 1996 *apud* TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Estratégias de Promoção de Democracia na Política Externa Americana: o Caso da Doutrina Bush**. 2011. p.70.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 72-73

⁸⁷ GOLDSTEIN, J. e KEOHANE, R. O. (eds.), **Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions, and Political Change**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993. p.16

⁸⁸ TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p. 95-96.

⁸⁹ BUSH. US National Security Strategy, March 2006, p.3 *apud* TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. 2010. p.75.

consistente na identidade nacional nos Estados Unidos⁹⁰. No discurso feito ao congresso, ainda em setembro de 2001, Bush ressaltou que a guerra contra o terror seria uma guerra do mundo, da civilização; de todos que acreditam no progresso, tolerância e liberdade⁹¹.

O “choque externo” abalou a segurança americana, e causou reavaliação estratégica na política externa. De acordo com Ulysses Teixeira (2011), o vindicacionismo adotado após o 11 de setembro não pode ser justificado apenas pela capacidade de projetar poder político e militar, visto que as influências do poder norte americano no cenário internacional eram as mesmas de quando Bush assumiu a presidência. Sendo assim, é necessário considerar que o ativismo na política externa só será visto como uma opção viável diante da influência de crenças domésticas, e da capacidade estadunidense de afetar transformações democráticas em outros países⁹². Foram, então, adotados o neoconservadorismo e a ação proativa, um reflexo da nova doutrina de política externa que seria conhecida como Doutrina Bush:

Podemos identificar quatro grandes princípios na Doutrina Bush: a preempção, o unilateralismo, a supremacia militar e a exportação da democracia. Os três primeiros pilares estão diretamente ligados à segurança americana e à nova ameaça terrorista. O quarto é crucial para a compreensão da concepção normativa da Doutrina Bush. De fato, ela traz explicitamente os valores liberais à doutrina e os associa aos interesses nacionais americanos⁹³.

4.2 A DOCTRINA BUSH

Para analisar a Doutrina Bush, devemos considerar as bases da doutrina de política externa americana que buscam justificar a exportação de democracia pelo uso da força, o meio mais difícil de ser usado em nome da democracia. Castro Santos (2010) delimita três princípios que formam as bases da política externa americana e sua “missão” após a Guerra Fria:

- (1) Os valores e princípios da democracia liberal ocidental são universais, isto é, todos os povos do mundo desejam tornarem-se democráticos. Portanto, a promoção da democracia é para o bem da humanidade.
- (2) Democracias não lutam entre si. Portanto, exportar democracia significa promover a paz mundial. Aqui democracia é ligada à segurança global.
- (3) A promoção da democracia faz o mundo mais seguro e mais próspero para os Estados Unidos. Aqui democracia é ligada à segurança e aos interesses americanos. Missão: Os americanos estão imbuídos de uma missão perante a humanidade: trazer-lhe liberdade e democracia.⁹⁴

⁹⁰ TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p. 97.

⁹¹ Ibidem, p. 102.

⁹² Ibidem, p. 70.

⁹³ Ibidem, p. 142

⁹⁴ CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força**. op. cit., p. 160.

O primeiro princípio foi enfatizado pela vitória dos Estados Unidos na Guerra Fria, representando a vitória da democracia liberal ocidental, e do seu sistema de valores, princípios e ideias⁹⁵. Esse princípio representa uma contraposição a base teórica de Huntington apresentada anteriormente, e desconsidera as implicações culturais no estabelecimento de um regime democrático. As invasões militares em países islâmicos após os ataques de 11 de setembro partem desse princípio, enfatizado por Bush em discursos mencionando sua crença de que todos os povos possuem o desejo de viver em liberdade⁹⁶. Os Estados Unidos são retratados como se estivessem acatando o desejo dos povos iraquianos e afegãos, sufocados por ditaduras do mal: “na verdade, há a crença de que se aos povos submetidos a ditaduras for dada a chance de se manifestarem eles certamente escolherão viver sob uma democracia”⁹⁷.

O segundo princípio refere-se à paz kantiana. Em conformidade com Jervis (2003), Castro Santos (2010) aponta que a paz democrática é um forte argumento na defesa da democracia, até mesmo pelo uso da força: pois o mundo democrático é sinônimo de paz, estabilidade e segurança e, portanto, serve aos interesses da humanidade. No governo Bush, o segundo princípio se expressa pela justificativa da invasão militar do Iraque para combater o terrorismo e implantar a democracia no Oriente Médio, e conseqüentemente levar a paz e a estabilidade à região. Isso representa a relação da segurança com a paz democrática: o avanço da democracia acarretaria no enfraquecimento do terrorismo e traria a paz.

Os princípios mencionados acima formam a “missão americana”, que o “povo escolhido” por seu “destino manifesto” é chamado pela História a cumprir⁹⁸. Fortemente utilizado na primeira administração de Bush, a narrativa do “chamado” do povo americano a defender e levar a liberdade a todos os povos do mundo foi utilizada na doutrina de política externa agressiva. Esse discurso prevê a exportação de democracia até mesmo pelo uso da força, ilustrado pela invasão preemptiva do Iraque que não era apenas uma questão de segurança, mas praticamente uma “guerra santa” pela humanidade⁹⁹.

And above all, we will finish the historic work of democracy in Afghanistan and Iraq so those nations can light the way for others and help transform a troubled part of the world. America is a nation with a mission, and that mission comes from our most basic beliefs. We have no desire to dominate, no ambitions of empire. Our aim is a democratic peace, a peace founded upon the dignity and rights of every man and woman. America acts in this cause with friends and allies at our side, yet we

⁹⁵ Ibidem, p.161.

⁹⁶ Ibidem, p.163.

⁹⁷ Ibidem, p. 165.

⁹⁸ Ibidem, p. 171.

⁹⁹ Ibidem, p. 173.

understand our special calling: This great Republic will lead the cause of freedom¹⁰⁰.

Por fim, o terceiro ponto garante que os princípios da democracia liberal assegurem os interesses nacionais dos Estados Unidos. Esse princípio possui um papel essencial para o governo Bush, principalmente na mudança de política externa forçada pelos ataques terroristas para um posicionamento de defesa agressiva, onde sua principal estratégia era a exportação de democracia pelo uso da força, o antídoto para o terrorismo¹⁰¹. De acordo com esse pilar, o mundo democrático é mais seguro para os Estados Unidos, e conseqüentemente serve aos seus interesses de segurança, econômicos, políticos e geopolíticos. Castro Santos (2010) sugere que quanto mais agressiva for a doutrina de política externa maior será o reforço dos princípios da exportação de democracia no discurso dos policy-makers americanos.

A missão americana de levar a liberdade e a democracia para os povos do mundo foi crucial em 2001 e 2002, enfatizada nos discursos: “The appeal was to the American liberal tradition, deeply embedded in each American soul, as a heritage of their exceptional and happy history translated into the legacy of the founding fathers.”¹⁰². O segundo princípio e o caráter pacifista de democracias também compunha o conjunto de justificativas morais para o uso da força; pois um Iraque democrático iniciaria uma onda de democratização com a promessa da paz regional e mundial.

Já Jervis (2003) identifica os seguintes elementos principais na Doutrina Bush: a forte crença na importância do regime doméstico de um Estado (no caso o regime democrático) para determinar sua política externa, e a avaliação do momento apropriado para transformar a política internacional; a percepção de que grandes ameaças que só podem ser derrotadas por uma nova e vigorosa política, mais especificamente pela guerra preventiva; a ação unilateral quando necessário; e um forte senso de que a paz e a estabilidade demandam a afirmação da hegemonia dos Estados Unidos na política internacional¹⁰³.

A Doutrina Bush, continua Jervis (2003), acredita que a ordem só pode ser mantida se o poder dominante se comportar de maneira distintiva. A segurança americana, a estabilidade e a difusão do liberalismo exigem que os Estados Unidos ajam de forma notável,

¹⁰⁰ UNITED STATES, 2004. Presidente (2001-2009: George W. Bush). **State of the Union**. 2004 Home Page. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/stateoftheunion/2004/>>. Acesso em: 25 set. 2022.

¹⁰¹ CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força**. op. cit., p.177.

¹⁰² CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan**. op. cit., 136.

¹⁰³ JERVIS, Robert. **Understanding the Bush Doctrine**. Political Science Quarterly, Vol. 118, No. 3, pp. 365-388, 2003. p.365

crucial para manter a ordem mundial¹⁰⁴. Sendo assim, seria a missão dos Estados Unidos agir frente a grandes ameaças, causadas por terroristas e *rogue states* como o 11/09, que só podem ser derrotadas por uma vigorosa política externa e de defesa. Ainda que ameaçador, também é um tempo de oportunidade pois, caso os Estados Unidos não torne o mundo melhor, este se tornará mais perigoso. Assim, os Estados Unidos devem atender ao “chamado” de defender e levar a liberdade a todos os povos do mundo.

Então, tanto para um autor como para os outros, pode-se ver na missão americana a influência da Tradição Liberal, que se refere às condições únicas sob as quais os processos de construção do Estado e da nação americana se desenvolveram, e como estas afetaram suas instituições. Também conhecida como “religião política americana”, “credo americano” ou “Tradição Liberal Americana”. Independente do nome, é caracterizada pelos princípios de: liberdade, igualitarismo, individualismo, populismo e *laissez-faire*. A partir dessas características, se estabelece uma crença na universalidade dos valores, na superioridade moral e no papel de liderança no futuro dos povos da humanidade; cumprindo a missão de espalhar a liberdade pelo mundo¹⁰⁵.

De acordo com Castro Santos e Teixeira (2013), a Tradição Liberal é responsável pela crença na universalidade dos valores democráticos, na relação entre democracia e segurança, e pela defesa da missão americana; ou seja, está presente em todos os princípios acima. Identificada desde os *founding fathers* e incorporada na Doutrina Bush, a missão se baseia no papel excepcional dos Estados Unidos como uma nação única, o “messias político do mundo”:

[...]When Americans say that democracy promotion is a responsibility to be accepted, a burden to be carried on, a sacrifice to be made, a call from history or from God, or yet a manifest destiny, the missionary rhetoric shapes the alternatives of action and makes the eventual intervention a moral legitimate imperative, even if preemptive, even if unilateral, even if by the use of force¹⁰⁶.

A missão americana é parte de uma tradição de política externa dos Estados Unidos, e o dever de levar a liberdade e a democracia para a humanidade está presente ao longo da história do país. A promoção da democracia é fundamentada por uma base teórica, delineada por uma tradição de política externa americana, que retorna à Woodrow Wilson e aos *founding fathers*¹⁰⁷. Por exemplo, a teoria da paz democrática assume que é improvável que

¹⁰⁴ Ibidem, p. 376

¹⁰⁵ CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan.** op. cit., 133.

¹⁰⁶ CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan.** op. cit., p. 152.

¹⁰⁷ COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas (eds.), **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama.** op. cit., p. 180.

estados democráticos entrem em guerra uns com os outros; sendo assim, o aumento da “zona democrática” proporciona segurança internacional, adotada no pós 11/09. Já a teoria do “fim da história” por Francis Fukuyama especula que com o fim do comunismo, os seres humanos atingiram o último ponto da evolução ideológica, e a democracia liberal seria a forma final de governo. Assim, a disseminação da democracia não só garantiria a segurança dos Estados Unidos, como também seria um estágio inevitável ¹⁰⁸.

Tony Smith foi altamente crítico do impacto da teoria da paz democrática após o 11 de setembro¹⁰⁹. Para ele, a teoria havia tomado forma de uma fé quase religiosa, ilustrada por Bush e a visão da democracia como uma “cura”. Frente aos acontecimentos ameaçadores à segurança dos Estados Unidos, seria necessário a reforma política do mundo Árabe, uma postura audaciosa e consistente com a premissa pacificadora da democracia e sua inevitabilidade. A exportação de democracia é considerada um elemento central para a administração de Bush na Guerra ao Terror. Pelo avanço de instituições e valores liberais no mundo, os interesses dos Estados Unidos seriam garantidos. Assim como Wilson, Bush acreditava que democracias não entram em guerra umas com as outras; bem como são mais confiáveis e respeitam seu próprio povo e seus vizinhos. Sendo assim, o avanço da liberdade levaria à paz¹¹⁰.

Então, entre os três princípios e a missão, como identificados por Castro Santos (2010), estão ligados entre si, pois a promoção da democracia seria em nome da paz mundial, retomando a paz kantiana e sua premissa de que democracias são menos prováveis de entrar em guerra umas com as outras. Pelo primeiro princípio, assume-se que os valores americanos são universais, almejados por todos os povos do mundo. A exportação desses valores, não apenas americanos mas universais, garantiria os interesses estadunidenses. Portanto, a invasão nos países do Oriente Médio ajudaria aqueles povos e cumpriria a missão nobre da América¹¹¹.

Em conformidade, Ulysses Teixeira (2011) destaca a importância da democracia na tomada de decisão de George W. Bush sobre a Guerra do Iraque: o presidente acreditava que um Iraque sem Saddam Hussein poderia ser democratizado, e serviria como exemplo, espalhando a democracia pelo Oriente Médio. A democracia era vista além de um ideal, era a

¹⁰⁸ Ibidem, p. 179-180.

¹⁰⁹Ver: Tony Smith, **A Pact with the Devil: Washington’s Bid for World Supremacy and the Betrayal of the American Promise**, p. 195–236 in COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas (eds.), **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama**. op. cit., p. 180.

¹¹⁰ BUSH. State of the Union, 2005 *apud* TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p. 106.

¹¹¹ Ibidem, p.153.

única arma eficaz na guerra; o elemento que garantiria os interesses dos Estados Unidos. Ainda que as preocupações de segurança fossem as motivações principais para as invasões no Iraque e Afeganistão, a construção da democracia nesses países foi significativamente considerada desde o 11/09. A democracia foi definida como a solução definitiva para as ameaças, e foi crucial como parte da justificativa para o uso da força.

Então, o vindicacionismo é implementado como estratégia, caracterizado pelos princípios da universalidade dos valores democráticos, da relação direta entre democracia e segurança, e pelo ativo cumprimento da missão norte-americana¹¹². Também percebe-se o unilateralismo, uma característica marcante ao pensar na Doutrina Bush: elemento histórico da política externa norte-americana, caracterizado pela disposição em rejeitar tratados, violar regras e usar a força por conta própria. A administração Bush traz uma nova orientação estratégica que pode ser chamada de “novo unilateralismo”. Ilustrado após o 11 de setembro pela liderança dos Estados Unidos como fornecedor unipolar de segurança e ordem que colocaria fim às rivalidades de poder, e em troca, pediriam para serem menos sobrecarregados por regras e instituições da velha ordem¹¹³.

Assumir esse papel de liderança implicaria na reivindicação do uso da força: o direito de usá-la em qualquer parte do mundo contra "terroristas com alcance global". Essa guerra não teria um retorno à normalidade ou vitória final, era um conflito permanente e os países estavam “com eles ou contra eles”. Dessa maneira, o governo Bush estava anunciando unilateralmente as novas regras da ordem de segurança global. Estavam articulando a nova ordem por meio da retórica, da Doutrina Bush e da guerra do Iraque. Nesse sentido, a visão de mundo de Bush se relaciona profundamente com a de Wilson: “é a declaração mais wilsoniana que qualquer presidente fez desde o próprio Wilson, ecoando sua promessa de usar o poder americano para criar um 'domínio universal do direito’”¹¹⁴.

Este unilateralismo também se reflete na guerra preventiva aplicada pela Doutrina Bush, dada a dificuldade de atingir consenso sobre uma resposta tão dura. As justificativas morais, a ameaça de possíveis ataques terroristas e a suposição de armas de destruição em massa foram suficientes para garantir o apoio da população. Porém, a implementação da guerra preventiva, como o caso do Iraque, possui obstáculos. Primeiro, é difícil determinar previsões futuras de ameaças, pois podem ser falhas. Segundo, informações sobre a capacidade de um estado e do seu comportamento passado podem ser difíceis de obter.

¹¹²Ibidem, p.120.

¹¹³IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p. 7.

¹¹⁴ Ibidem, p.8 (tradução nossa).

Terceiro, a guerra preventiva terá que ser repetida à medida que outras ameaças atinjam um limiar semelhante, utilizadas como exemplo futuro. Resumidamente, a própria natureza de uma guerra preventiva significa que as evidências e argumentos a favor do conflito são ambíguos e sujeitos a refutação¹¹⁵.

Estes obstáculos se manifestaram em setembro de 2004, quando ficou claro que a investigação sobre as armas de destruição em massa não havia encontrado resultados positivos. Era necessário uma resposta do presidente, uma explicação para o descrédito da justificativa da invasão. A partir desse momento, houve uma mudança na ênfase relativa dos princípios: foram mais reforçados os princípios altruístas no segundo mandato de Bush, como a universalidade dos princípios democráticos¹¹⁶. Há o aumento da ênfase no princípio da democratização vinculada aos interesses nacionais americanos, e o reforço da crença de que um mundo mais democrático é mais seguro e próspero para os Estados Unidos.

Então, ao promover a democracia, o governo não está deixando para trás os interesses americanos: “Bush and his team engaged in a crusade to reinforce the idea that the United States would be really safe only when rogue states became democratic. At this point, values and interests merged. Terrorism would only be defeated by democracy”¹¹⁷. Ainda que a conexão entre valores e interesses, estivessem significativamente presentes desde o primeiro mandato presidencial na Doutrina Bush, vale frisar, mais uma vez, que o princípio que liga a democracia à segurança se destaca na política externa de Bush especialmente no segundo mandato¹¹⁸. Isso se deve ao descrédito de justificativas para a invasão, um exemplo da dificuldade de implementação da guerra preventiva mencionada acima.

Em conclusão, a Guerra no Iraque foi justificada pela chamada Doutrina Bush, comprometida com a liberdade, moralidade e democracia; visando a expansão do poder norte-americano. Essa nova estratégia delimita a ideia de “nós contra eles”, ilustrada pelo *axis of evil*. Esta resposta aos ataques do 11/09 toma a forma da cruzada wilsoniana contra os *rogue states*, e percebe-se um posicionamento ativo de Bush sobre o papel de liderança dos Estados Unidos como um defensor do mundo pela liberdade e justiça, bem como sobre a universalidade dos valores norte americanos¹¹⁹.

¹¹⁵ JERVIS, Robert. **Understanding the Bush Doctrine**. op. cit., p.370-371.

¹¹⁶ CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan**. op. cit., 136.

¹¹⁷ Ibidem, p. 139.

¹¹⁸ Ibidem, p. 140.

¹¹⁹ TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. op. cit., p.109.

4.3 HERANÇA WILSONIANA

Ikenberry (2009) questiona: seria George Bush o herdeiro de Woodrow Wilson? A administração Bush articulou uma nova doutrina de segurança nacional baseada em ideias sobre a hegemonia norte-americana, o uso preventivo da força, e a luta entre a liberdade e o mal. Bush defendeu que a sobrevivência da liberdade nos Estados Unidos dependia cada vez mais do sucesso da liberdade em outras nações, onde percebe-se o eco de Woodrow Wilson: “Bush queria que o Iraque fosse visto ostensivamente como parte do compromisso histórico dos Estados Unidos - voltando a Wilson - de fazer avançar a causa da liberdade e da democracia em todo o mundo”¹²⁰.

Tony Smith em “*The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century*” responde claramente a pergunta de Ikenberry: George W. Bush é o herdeiro da tradição wilsoniana, pois Wilson e os internacionalistas liberais pós-1945 abriram caminho para Bush. Por exemplo, o pilar do Wilsonismo do compromisso americano de promover a democracia em todo o mundo, uma ambição imperial liberal, também se mostra presente na Doutrina Bush. Na mesma obra, os autores Knock e Slaughter discordam: argumentam que a visão Wilsoniana não estava diretamente relacionada com a disseminação da democracia, mas sim com a construção de uma ordem internacional cooperativa e baseada em regras; uma ideia sobre a qual a administração Bush discorda. Ademais, enfatizam a Liga das Nações como um ponto central da resolução de conflitos e da segurança coletiva; bem como, o multilateralismo inerente à visão wilsoniana e ausente na Doutrina Bush¹²¹.

Independente do grau de similaridade, é inegável que o wilsonismo e sua ação pioneira na política externa americana são refletidas na Doutrina Bush. Tamanha influência é destacada por Henry Kissinger, que considera o wilsonismo a tradição dominante da política externa norte-americana: “Though Wilson could not convince his own country of its merit, the idea lived on. It is above all to the drumbeat of Wilsonian idealism that American foreign policy has marched since his watershed presidency and continues to march to this day”¹²².

¹²⁰IKENBERRY, G. John et al (eds). **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p.5. (tradução nossa)

¹²¹ Ibidem, p.2.

¹²² KISSINGER, H. **Diplomacy**, 1994. p. 30. *apud* IKENBERRY, G. John et al. **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. op. cit., p.6.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi possível analisar a política externa dos Estados Unidos e momentos importantes da promoção de seus valores e da democracia. Dessa forma, conforme apresentado ao longo da monografia, é possível reforçar a importância dos valores liberais democráticos, visto que o mesmo pode impactar fortemente na ação do país no cenário internacional. Durante o desenvolvimento da pesquisa foi possível alcançar os objetivos de analisar as raízes da tradição liberal americana; como esses valores tradicionais se apresentam no governo Wilson; e como os valores wilsonianos ressurgem no governo Bush. Conforme o observado, os mandatos de Woodrow Wilson e George W. Bush foram momentos emblemáticos na história norte-americana onde a democracia possui um papel central na estratégia de política externa.

Primeiramente, constatamos a importância das ideias na política externa, afetando sua formulação e impactando seu rumo. Em especial, destaca-se o conceito de visões de mundo por Goldstein e Keohane (1993): inseridas no simbolismo de uma cultura, possuem grande impacto na ação humana, afetando profundamente o modo de pensar dos *policy-makers*. Pensar na dimensão ideacional é crucial ao pensar nos Estados Unidos, pois a identidade do povo norte americano possui um conjunto de valores e princípios que remonta à formação da nação, que se mantêm ao longo da história e que é conhecida como Tradição Liberal Americana.

O posicionamento distintivo dos Estados Unidos como grande potência repousa sobre um entendimento da sociedade e do país, a partir do simbolismo de sua cultura. O excepcionalismo norte-americano nasce da sua experiência distinta de *nation-building*, resultando na autopercepção de ser um exemplo a ser seguido. A missão divina data de anos antes dos governos aqui escolhidos, marcada por crenças como a ideia do "povo escolhido". Percebe-se a repetição de tal missão norte-americana ao longo da história, reforçando a necessidade do estudo.

Autores como Castro Santos (2010), Teixeira (2010), Pecequillo (2003), e Wittkopf, Jones e Kegley Jr. (2008), e Mead (1989); defendem que a política externa dos Estados Unidos possui um conjunto de valores e interesses permanentes, com o ponto de partida na fundação da nação. Ao longo do tempo, esses valores são perseguidos e defendidos em graus variados, a depender do contexto da época. Ainda que os autores definam objetivos específicos diferentes, é perceptível a homogeneidade de tais princípios norte americanos.

Esses valores não são meros conceitos, mas sim uma promessa que o país busca cumprir ao longo de sua história, entre erros e acertos. As tradições liberais democráticas de política externa dos Estados Unidos se expressam não somente nos governos de Wilson e Bush analisados aqui, mas também na maioria dos presidentes. Para que possamos entender as ações atuais, não podemos reduzir um país baseado em ideais que nasceram em sua fundação, ao contexto atual: é necessário retornar ao passado para compreender o presente.

Este conjunto fixo de valores tradicionais pode se expressar em maior ou menor grau a depender dos objetivos de política externa, e do contexto internacional. Um choque externo, como a Primeira Guerra, ou os ataques do 11 de setembro, podem provocar uma reavaliação da estratégia de política externa. Tanto no governo de Wilson como no governo Bush, é necessário responder às turbulências do cenário internacional. Em ambos os momentos pode-se perceber a mudança para a ação direta e ativa no cenário internacional; bem como a promoção dos valores norte-americanos, entre eles, a democracia.

Neste trabalho, foram analisados dois momentos onde o princípio tradicional da defesa da democracia possui maior ênfase na política externa dos Estados Unidos: os governos de Woodrow Wilson e George W. Bush. Ambos utilizaram a estratégia vindicacionista de exportação de democracia; primeiro ilustrado pelo dever dos Estados Unidos de tornar o mundo um lugar seguro para a democracia na Primeira Guerra Mundial; e o segundo ilustrado pela Guerra do Iraque para promover uma ordem mundial baseada nos valores norte-americanos, após os ataques do 11 de setembro.

Em seguida, foi analisado o mandato de Woodrow Wilson, e da corrente wilsoniana que nasceu das propostas para a construção da ordem internacional baseada na democracia. A contribuição de Wilson é essencial para analisar a importância da democracia na política externa, visto que é um aperfeiçoamento do do experimento americano pois prevê uma ação direta estadunidense para promovê-lo¹²³. A Primeira Guerra foi a primeira vez que os Estados Unidos se aventurou na missão de “salvar a humanidade” e reorganizar o sistema internacional de acordo com seus princípios¹²⁴. Assim, Wilson foi o primeiro presidente a fazer da promoção da democracia um objetivo central da política externa dos Estados Unidos: busca ativamente cumprir a missão divina norte-americana de levar a democracia, o progresso e a liberdade para outras nações. Ainda

¹²³PECEQUILO, C. S. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** op. cit., p. 99-100

¹²⁴CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush.** op. cit., p. 21.

que Wilson não tenha atingido seu objetivo, o wilsonismo retoma tradições políticas norte-americanas e forma um caminho para a ação estadunidense que seria retomada no futuro.

Em continuidade, estuda-se o mandato de Bush filho. Situado no contexto de supremacia norte-americana do pós Guerra Fria, que foi vista como um exemplo da vitória dos valores estadunidenses, entre eles a democracia. O mandato se inicia em uma posição hegemônica confortável no cenário internacional, menos preocupados com ameaças à liderança global militar como na Guerra Fria. No início da administração Bush, antes do 11/09, o posicionamento do governo era de criticismo ao multilateralismo e internacionalismo. Acreditava-se que estes não representavam as aspirações internacionais do povo americano, em conformidade com a opinião doméstica anterior que recusou a proposta da ordem internacional de Wilson.

Entre as similaridades iniciais de Bush e Wilson, percebe-se a contestação do uso da força e o ceticismo sobre a exportação de democracia. Ambos presidentes iniciam seu mandato com uma estratégia de política externa baseada no exemplarismo, evitando o envolvimento direto. Questionam a contribuição de uma ação ativa do país, e reforçam seu ceticismo sobre o uso da força. Ambos possuem viradas de política externa, motivadas pelo contexto internacional, que levam a adoção de uma estratégia vindicacionista. Então, frente aos choques externos, como o afundamento do transatlântico Lusitânia em 1915; e aos ataques do 11 de setembro, os dois presidentes mudam seu posicionamento.

Ambos os governos sentiram a forte ameaça à posição americana no cenário internacional: representavam uma turbulência no cenário internacional, e portanto um obstáculo à expansão dos interesses americanos em um ambiente hostil. Dessa maneira, ambos reforçam os valores tradicionais da nação e a ideia missionária para mobilizar apoio ao uso da força. Tanto Wilson como Bush utilizam justificativas baseadas em valores e crenças nacionais, ainda que as ações tenham sido motivadas por interesses específicos. Por exemplo, após os ataques do 11/09, Bush utilizou a tradição liberal e os princípios tradicionais dos Estados Unidos para formular uma resposta aos ataques, reforçando a presença contínua destes na política externa ao longo do tempo.

Os governos aqui estudados também se assemelham por representar a dualidade realista e idealista das relações internacionais norte-americanas; primeiro, pela ambição de moldar o mundo à sua imagem, ativamente e com ação intervencionista; e segundo, pela ideia da missão americana, uma nação exemplar que guiaria outros povos para a liberdade. Essa dualidade pode ser ilustrada pela Guerra do Iraque e a entrada na Primeira Guerra

Mundial, ambas justificadas pela necessidade da expansão democrática; onde os benefícios dessa expansão levariam a paz e estabilidade do sistema internacional. Percebe-se também a relação entre a segurança nacional e a estabilidade do sistema internacional, e portanto, a necessidade da promoção ativa e direta da democracia e dos valores norte-americanos.

Podemos ver traços de Wilson em Bush no sentido de que a abordagem wilsoniana é caracterizada pela crença de que os Estados Unidos devem disseminar seus valores para o mundo, dada sua experiência excepcional como nação, buscando a implementação de uma ordem à imagem estadunidense¹²⁵. Como similaridades percebe-se a ação ativa, o intervencionismo, a retórica e a defesa dos valores da liberdade e democracia. Wilson precede Bush no sentido de ser o primeiro presidente a tornar a exportação da democracia uma prioridade, justificada até mesmo pelo uso da força.

Anos depois, Bush retoma essa estratégia de política externa, buscando tornar o mundo pacífico pela expansão da democracia pelo uso da força. Assim como Wilson, Bush viu na democracia a “cura”: seria necessário a reforma política do mundo que tornou tudo possível, e pela democracia haveria paz. A escolha do governo Bush também se justifica pela centralidade da exportação da democracia em seu governo: se houvesse a disseminação dos valores liberais no mundo, os interesses dos Estados Unidos seriam garantidos.

Portanto, também concordam na visão da democracia como um catalisador para o bem da humanidade, e como as democracias não lutam entre si, estaria garantida a segurança global e a paz mundial. Por exemplo, os pilares da doutrina de política externa americana no pós Guerra Fria incluem a universalidade dos valores e princípios nacionais, o caráter pacífico das democracias e os benefícios de sua promoção; e a missão estadunidense¹²⁶. No contexto de hegemonia estadunidense no cenário internacional, juntamente com o vindicacionismo do 11 de setembro, Bush retoma a busca pela remodelação do mundo à imagem norte-americana e disseminação dos valores da nação.

Uma disparidade entre os presidentes é o posicionamento sobre o multilateralismo: enquanto Wilson formula uma ordem multilateral e cooperativa, a Doutrina Bush possui como característica marcante o unilateralismo. Bush retoma esse elemento histórico da política externa norte-americana, disposto a rejeitar tratados, violar

¹²⁵ MEAD, 2006. *apud* CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush.** (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹²⁶ CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força.** Revista Brasileira de Política Internacional, Ano 53, nº 1, 2010.

regras e usar a força: o chamado “novo unilateralismo”. Esta é uma das disparidades mais importantes entre os governos aqui comparados, visto que, o ceticismo com relação às instituições multilaterais foi uma constante no posicionamento de Bush mesmo após o 11/09.

Ainda que possuam muitos pontos em comum, como principal disparidade percebe-se que Wilson buscava “tornar o mundo seguro para a democracia”, enquanto Bush acreditava que a democracia traria a paz, e tornaria o mundo seguro. Ainda que ambos possuam uma relação teórica com a teoria da paz democrática, a teoria do “fim da história”, e a paz kantiana; a ordem muda. Esse é um ponto crucial na conclusão deste estudo, visto que Bush assume um posicionamento mais ativo para promover a democracia.

Wilson não queria levar democracia a todos os povos do mundo, ainda que acreditasse que os países que a adotassem seriam pacíficos uns com os outros. Enquanto Bush acreditava que a democracia era a chave para atingir a paz e segurança, acreditava que se espalharia pelo mundo. Por exemplo, Bush acreditava que o Iraque poderia ser democratizado, e espalharia a democracia pelo Oriente Médio. Nesse sentido, percebe-se também a crença de Bush na universalidade dos valores democráticos, e no desejo de todos os povos se tornarem democráticos.

Em conclusão, podemos ver ao longo desse trabalho o peso dos valores tradicionais na política externa dos Estados Unidos, retomados conforme necessário ao longo dos mandatos presidenciais. Ainda que variem em grau, estão sempre presentes. Entre esses valores, percebe-se a importância da democracia, vista como a forma de governo ideal, que implica na paz. Wilson abre caminho para a promoção da democracia como um pilar da política externa dos Estados Unidos. É pioneiro nesse quesito, e o wilsonismo se torna parte da tradição de política externa americana.

Os pontos defendidos por Wilson retornaram em outros momentos da história do país, entre eles o governo Bush. O mandato de George W. Bush se destaca pela defesa democrática após os atentados de 11/09, disposto a exportá-la até mesmo pelo uso da força. Mesmo entre suas similaridades e disparidades, é inegável o legado de Wilson na política externa americana e conseqüentemente no governo de George W. Bush. Ainda assim, Bush age de maneira distinta e possui certos posicionamentos diferentes. Então, dá origem a Doutrina Bush, inserida em um contexto internacional distinto, nas turbulências do início do século XXI.

A democracia é defendida pelos Estados Unidos desde a fundação da nação, e

continua a ser um valor central da sua identidade política. Por meio deste trabalho, espera-se ter contribuído para as Relações Internacionais, especificamente para o campo de estudo da política externa dos Estados Unidos, ainda que exista um vasto caminho a ser percorrido. Portanto, é pelo estudo do passado que podemos compreender o presente, e pensar no futuro.

REFERÊNCIAS

BBC. **Atentados de 11 de Setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21.** Setembro, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 23/09/2022.

BENTO, A. **Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas.** Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII (pp. 42-44). Maio, 2012.

CAMARGO, Ana Carolina de Angelo. **Wilsonismo e mudança: análise da abordagem wilsoniana na política externa das administrações Bill Clinton e George W. Bush.** (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **Interests and Values in Obama 's foreign Policy: Leading from Behind?** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 58, n. 2, p. 119–145, dez. 2015.

CASTRO SANTOS, M. H.; TEIXEIRA, U. T. **The essential role of democracy in the Bush Doctrine: the invasions of Iraq and Afghanistan.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 56, n. 2, p. 131–156. 2013.

CASTRO SANTOS, Maria Helena de. **Exportação de Democracia na Política Externa Norte-Americana no Pós-Guerra Fria: Doutrinas e o Uso da Força.** Revista Brasileira de Política Internacional, Ano 53, nº 1, 2010.

CLARKE, Jonathan. **America, know thyself.** The National Interest, 1994. p. 19-25.

COX, Michael; LYNCH, Timothy J.; BOUCHET, Nicolas. **US Foreign Policy and Democracy Promotion: from Theodore Roosevelt to Barack Obama.** United States: Routledge, 2013.

ESTADOS UNIDOS, 2004. Presidente (2001-2009: George W. Bush). **State of the Union.** 2004 Home Page. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/stateoftheunion/2004/>>. Acesso em: 25 set. 2022.

ESTADOS UNIDOS. Presidente (1913 – 1921: Woodrow Wilson). **Joint Address to Congress Leading to a Declaration of War Against Germany.** Washington, D.C., 2 de abril. 1917. Disponível em: <https://www.archives.gov/milestone-documents/address-to-congress-declaration-of-war-against-germany#:~:text=On%20April%20%2C%201917%2C%20President,States%20into%20World%20War%20I.> . Acesso em: 14 de setembro de 2022.

ESTADOS UNIDOS. Presidente (2001 – 2008: George W. Bush). **Address to the Nation on the Proposed Department of Homeland Security.** Washington, D.C., Junho. 2002. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-nation-the-proposed-department-homeland-security>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

ESTADOS UNIDOS. Presidente (2001 – 2008: George W. Bush). **Inaugural Address**. Washington, D.C., 20 de janeiro. 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/inaugural-address.html> . Acesso em: 14 de setembro de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo:Atlas,2002.

GOLDSTEIN, J. e KEOHANE, R. O. (eds.), **Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions, and Political Change**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993.

HARRISON, L. E.; HUNTINGTON, S. P (eds). **Culture Matters: How Values Shape Human Progress**. Foreign Affairs, v. 79, n. 3, p. 162, 2000.

IKENBERRY, G. John et al (eds). **The Crisis Of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century**. United States of America: Princeton University Press, 2009.

JANDA, K.; BERRY, J. M.; GOLDMAN, J. **The Challenge of Democracy: government in America**. Wadsworth Cengage Learning. 11th ed. Boston, 2012.

JENTLESON, B. W. **American Foreign Policy: the dynamics of choice in the 21st century**. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

JERVIS, Robert. **Understanding the Bush Doctrine**. Political Science Quarterly, Vol. 118, No. 3, pp. 365-388, 2003.

JESUS, D. S. V. **Da redução da incerteza estratégica à perpetuação da exclusão: a relevância dos fatores ideacionais na análise de política externa**. Contexto Internacional, v. 31, n. 3, p. 503–534, dez. 2009.

MORGENTHAU, Hans J. **Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace**. New York: Knopf,1948.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: Continuidade ou mudança?** 1 edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PERISSINOTTO, R.; STUMM, M. G. **A virada ideacional: quando e como ideias importam**. Revista de Sociologia e Política, v. 25, n. 64, p. 121–148, dez. 2017.

SLAUGHTER, A. M. **The Idea that is America: Keeping Faith With Our Values in a Dangerous World**. EUA: Basic Books, 2007.

TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Estratégias de Promoção de Democracia na Política Externa Americana: o Caso da Doutrina Bush**. 3º Encontro Nacional da ABRI Painel Pe 26. Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília. São Paulo, 2011.

TEIXEIRA, ULYSSES, T. **Tradição Liberal e a exportação de Democracia na Era Bush**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2010.

WITTKOPF, E. JONES, C. M.; KEGLEY, JR., C. W. **American Foreign Policy: pattern and process.** 7th ed. EUA: Thomson Wadsworth, 2008.